

# O Congresso da Internacional Sindical Vermelha

(Moscóvia, Julho de 1921)

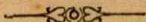
Relatório do delegado dos I. W. W.  
(Trabalhadores Industriais do  
Mundo) e manifesto do Comité  
Geral Executivo dos I. W. W.,  
aos seus aderentes



Editado pela TEXTILE WORKERS UNION  
(*União dos Trabalhadores Textis*)  
NEW BEDFORD — MASS. — U. S. A.

1922

# O Congresso da Internacional Sindical Vermelha



(Moscóvia, Julho de 1921)

RELATÓRIO DO DELEGADO  
DOS I. W. W. (TRABALHA-  
DORES INDUSTRIAIS DO  
MUNDO) E MANIFESTO DO  
COMITÉ GERAL EXECUTIVO  
DOS I. W. W., AOS SEUS  
— — — ADERENTES — — —

Editado pela **TEXTILE WORKERS UNION**

*(União dos Trabalhadores Textis)*

NEW BEDFORD — MASS. — U. S. A.

1922

## Relatório preliminar

Este relatório, foi escrito a 28 de setembro findo, em Berlim, por George Williams, delegado dos «Trabalhadores Industriais do Mundo» ao congresso da Internacional Sindicalista Vermelha realizado em Moscóvia, e publicado primeiramente no jornal *Industrial Solidarity*, órgão dos I. W. W., de 17 de Dezembro findo:

«Suponho que a nossa organização deve estar anciosa por saber notícias minhas, mas o motivo porque não escrevi mais cedo é explicável sob muitas razões. A primeira é de que não desejava confiar nada aos correios que partissem de Moscóvia e também porque a situação na Rússia era tal que era impossível obter as informações necessárias para um relatório consciencioso. Pode parecer estranho que tenha que dizer isto, mas é devido à forma como o congresso foi conduzido, às fracas traduções que se faziam das actas do que se passava, sendo também impossível obtê-las. Pouco se imprimiu em inglês enquanto o congresso esteve em sessão por falta da necessária preparação para trabalhar com este idioma. Mesmo agora, passados alguns meses, apenas metade está impressa, e é de uma composição tam mesquinha que quasi não tem valor. Em vista duma tal situação e de outras condições que é conveniente ocultar decidi-me a procurar noutras línguas o que não foi impresso em inglês. Dou agora apenas uma idea do que se passou no congresso da Sindical Vermelha, em Moscóvia. Quando chegar aos Estados Unidos e depois de obter mais material farei um relatório mais detalhado.

Quando cheguei a Moscóvia, em 1 de Julho, vi que tinha sido precedido por outros três camaradas, que se apresentavam como delegados da «Metal and Machinery Workers Industrial Union» (União Industrial dos Metalúrgicos e Maquinistas). Somente conheço os seus apelidos. São Belinkis, Belotin e Calvert. Belinkis e Belotin tinham credenciais do conselho dos I. W. W. do distrito de Nova York. Eles disseram-me, que juntamente com Calvert, tinham sido eleitos pela assemblea dos «Metal and Machinery Workers», realizada em Detroit em Fevereiro de 1921. Não tenho notas suficientes comigo, para relatar todas as suas explicações e tenho portanto que recorrer ao que tenho de memória. Todavia, apesar de eleitos, como disseram, pela assemblea dos «M. and M. W.», o comité director negou-lhes as credenciais, dizendo que a assemblea geral enviaria um delegado, e também que Hardy, se encontrava então na Rússia, e representaria os I. W. W.

Calvert, cujas credenciais eu não vi, quando cheguei a Moscóvia andava êle numa missão que eu só explicarei quando voltar ao país.

Encontrei-o pouco antes de eu sair da Rússia, dizendo-me o mesmo quanto aos outros delegados. Calvert era secretário relator da «Metal and Machinery Convention».

Menciono isto, para que compreendam melhor o que depois vou dizer sôbre o congresso da Internacional Sindicalista Vermelha.

Além dos indivíduos acima indicados, também lá estava o camarada Kraus, com credenciais assinadas por Roy Brown, como presidente do Comité Geral Executivo (G. E. B) e com poderes segundo as instruções, para substituir Hardy, que estava na Rússia, quando deram as credenciais, não se sabendo, porém, se se demoraria lá até à realização do congresso, em virtude de demoras e de adiamentos. Kraus era tipógrafo no jornal russo da organização de Chicago.

Os camaradas acima indicados tinham chegado a Moscóvia dois meses antes de mim, e tinham já tomado parte em várias conferências com outros delegados americanos. Tinham já sido reconhecidos oficialmente como delegados dos I. W. W. pelos representantes do conselho provisório da Sindical

Internacional Vermelha, trabalhando o melhor que podiam na falta de um delegado oficial.

Quando cheguei a Moscóvia e tive conhecimento disto, informei êstes camaradas de que as minhas credenciais especificavam que eu era o único delegado oficial com poderes conferidos pela assemblea geral, com o que êles concordaram, pelo que foram depois admitidos no congresso como delegados «fraternais». Não encontrei razões para protestar contra isto, porque não havia ninguem em Moscóvia, que soubesse quem era o delegado da assemblea geral, além de que mais uns poucos de delegados fraternais não faziam diferença num congresso já tam «atulado».

Além de mim e dos três camaradas já indicados, ainda encontrei em Moscóvia, como delegados americanos, mais os seguintes indivíduos:

## Os delegados americanos

1) Ela Reeves Bloor (com o pseudônimo de Emons) representando três uniões locais da Associação Internacional dos Maquinistas: União local 337 de Chicago; União local 225 de Dayton, Ohio, e União local 47 de Denver, Colorado, contando aproximadamente 18.000 membros.

2) Crosby, representando a União dos Metalúrgicos; a dos Géneros Alimentícios; a dos Manufactores de Calçado; e a minoria da do Vestuário de Boston, representando 25.000 a 40.000 membros.

3) Huler Welles, representando o Conselho Operário Central de Seattle, 50.000 membros.

4) Devis Batt, representando a Federação Operária de Detroit. 60.000 membros.

5) Joseph Dixon, representando os mineiros de Kansas, o Conselho Operário da cidade de Nova York e a Liga da Educação Sindical da cidade de Kansas. Total 75.000 a 80.000 membros.

Além destes delegados com voto decisivo, havia um pequeno «exército» de delegados fraternais, que tinham credenciais do Bureau Operário Vermelho da cidade de Nova York, a maior parte dos quais eram tambem delegados ao Terceiro Congresso da Internacional Comunista, que estava então em ses-

sões, e serviam como «verbo de encher» no congresso da Internacional Sindical Vermelha. Representavam tudo quando se conhece, e desconhece, no movimento operário americano.

Logo que percebi que espécie de organizações êstes delegados pretendiam representar, protestei imediatamente, e pedi que êles (exceptuando Crosby) fôsem excluídos «como delegados com voto decisivo». Pedi também para ver e examinar as credenciais dêstes delegados, de quem objectei e disse que as credenciais de Dixon eram uma verdadeira fraude. Ele pretendia representar o «United Labor Council of Nova York City» (Conselho Operário Unido), mas não apresentou as credenciais dessa organização.

Não soube dizer onde era a séde desta organização em Nova York, nem os nomes dos seus dirigentes. Não apresentou também as credenciais dos mineiros de Kansas, mas parece que o mandato do Bureau Operário Vermelho de New York serviu como *bona fide* para as credenciais do *United Labor Council* e dos mineiros de Kansas. Eu julgo, que o *United Labor Council* de Nova York é uma organização que desempenha as mesmas funções para as organizações radicais independentes daquela que o organismo central da Federação Americana do Trabalho. E' um centro de propaganda, e não tem poder para filiar os seus adeptos na Internacional Vermelha. Os mineiros de Kansas, a quem Dixon pretendia representar, são talvez dos diversos distritos daquele estado que fazem parte da «United Mine Workers of America» sendo certo, que êles não encarregaram Dixon de os representar, mas êle apareceu em Moscóvia como seu delegado. A Liga de Educação Sindical é uma suposta organização na cidade de Kansas, que só existe no papel. Provavelmente é uma organização comunista para fins de propaganda.

Que as credenciais de Dixon, destas organizações, fôram dadas pelo Bureau Operário Vermelho de Nova York, e não pelas próprias organizações é uma prova positiva de que a sua presença em Moscóvia foi preparada pelo mesmo Bureau, sendo ali que o Partido Comunista Americano fez centro para influir na delegação americana. Esse Bureau não fez mais

do que desempenhar as funções da Internacional Comunista.

Dixon era o representante do conselho provisório da Internacional Sindical Vermelha antes do último congresso ter escolhido outro. Quem êle representava ninguém sabia, e sabendo-se que Dixon é um comunista, é o suficiente para se saber e explicar tudo.

As credenciais de Batt, diziam claramente que o portador era simplesmente enviado como um delegado fraternal. As credenciais de Bloor ou Emmons eram abertamente suspeitas, e onde quer que elas tivessem sido dadas foi sómente para agir como delegados fraternais.

O certo é que estes três locais, milhares de quilómetros afastados uns dos outros, não elegeram a mesma pessoa como seu representante, escolhendo cada um um delegado quási ao mesmo tempo. O caso é simples, por quanto Emmons ou Bloor é comunista e tudo quanto era preciso era um papel de carta com carimbo e quem escrevesse à máquina

## **As credenciais de Wells, eram também fraternais**

As credenciais de Crosby, eram boas, com referência aos metalúrgicos, mas as das minorias do «vestuário de Bostou», eram algum tanto duvidosas e quando muito representavam as minorias e feitas pelo Partido Comunista Americano. Crosby é um comunista. Uma das coisas mais interessantes das credenciais dos membros comunistas da delegação americana, é que representavam organizações de diferentes partes do país. E' evidente que se contava pouco com as distâncias nos cálculos. E o facto é que êles não podiam ser membros duma organização da cidade de Kansas e de uma outra de Nova York ao mesmo tempo e isso não fez nada para o caso. Um comité honesto de credenciais não teria aceite tais mandatos, mas parece que êles haviam partido da América com a certeza de que tal não sucederia. Eles foram recebidos de braços abertos.

A despeito da fraude flagrante o comité de cre-

denciais concedeu-lhes voto decisivo, como era de esperar.

Os delegados americanos contra os quais eu protestei chegaram a Moscóvia um ou dois meses antes de mim. Sendo reconhecidos logo como delegados, êles organizaram-se como «delegação americana», preparando-se para tomar parte no congresso.

## **Animosidade contra os**

### **I. W. W.**

Da maneira como o Congresso devia funcionar ou antes a forma europea de tratar os assuntos, cada delegação se agrupou segundo o país. Assim, por exemplo, todos os delegados americanos estavam na delegação americana; os ingleses na delegação inglesa, e assim sucessivamente. Estas delegações, a maior parte das quais tinham chegado em Maio ou no começo de Junho, realizavam reuniões e cada delegação elegia membros para agir nos vários comités, como o das credenciais, o da constituição, etc.

Quando cheguei estava já tudo preparado, e o Congresso ia começar. Os outros delegados dos I. W. W., que acima mencionei (com exceção de Calvert) tinham assistido a umas poucas de reuniões da delegação americana, mas como fôsse completamente postos de parte nessas assémbreas, deixaram de lá aparecer. Notei que quasi todos os outros membros da delegação americana eram comunistas, e por isso tratavam de afastar tanto quanto possivel os I. W. W.; com efeito, mostraram uma decidida hostilidade contra ambos os delegados dos I. W. W. e contra a própria organização.

(Uma das coisas mais dignas de notar nos círculos officiais de Moscóvia é a manifesta animosidade contra os I. W. W., especialmente na Sindical Vermelha.)

O que eu expliquei acerca do caracter dos delegados americanos dava-se com todas as delegações dos outros países.

Observava-se logo à primeira, que cada delegação era «controlada» pelos comunistas e todos trabalhando estritamente segundo a politica da Internacional Comunista.



Muitos dos delegados á Internacional Vermelha de países como a Inglaterra, França, Alemanha, etc., eram também delegados ao terceiro Congresso da Terceira Internacional, e tinha no preparado tudo, conforme melhor lhes conyinha. O comité de credenciais era composto na sua maior parte de comunistas, que manifestaram uma attitude hostil para com todos os delegados sindicalistas e industrialistas.

O comité de credenciais tinha apenas uma função, ver se cada delegação era *controlada* pelos comunistas.

Nas credenciais dos sindicalistas e industrialistas, eles faziam uma rigorosa inspecção, mas na dos comunistas qualquer coisa era boa.

Os diversos países foram classificados em quatro grupos: Inglaterra, América, Alemanha, França, Rússia, Espanha, etc. no primeiro grupo, e os países industriais menos importantes em outros.

O primeiro grupo tinha 16 votos sem olhar ao número de delegados; o segundo grupo 12 e assim successivamente até ao último. Cada delegação dividiria o número de votos que lhe pertencia nas suas próprias reuniões. A delegação americana sendo como era quasi toda composta de comunistas, dividiu os votos, como lhe apeteceu e do seguinte modo:

Emmons 1, Crosby 3, Williams 3, Welles 3, Dixon 3, Batt 3. Total, 16.

## Uma divisão profunda

Logo á primeira se via, que haveria um profundo desentendimento no congresso — dum lado os comunistas, do outro lado os sindicalistas e «industrialistas».

O programa, que dividiu estas duas facções é muito longo, e não tenho inelizmente aqui os documentos necessários para o expôr com clareza.

Mas quem observou a acção dos dirigentes do então conselho provisório e a attitude geral em Moscovia viu que o congresso da Internacional Vermelha não seria mais do que o rabo de papagaio (de papel) da Internacional Comunista. Na verdade, uma estranha, mas decidida hostilidade se manifestou em geral, contra os sindicalistas e «industrialistas». Es-

tranho para os trabalhadores americanos, mas está em harmonia com a política da Internacional Comunista.

Para melhor compreenderem a natureza dos delegados presentes no Congresso da Internacional Vermelha, devo explicar ligeiramente a maneira como muitos deles foram enviados.

Da América estavam lá seis delegados com voto decisivo, incluindo o meu. Dos seis só Crosby e eu, eramos representantes oficiais das organizações operárias radicais ou de qualquer outra espécie de organização, Emmons e Dixon eram comunistas (assim como Crosby) enviados pelos comunistas da América. Welles e Batt eram delegados fraternais da organização central da Federação Americana do Trabalho.

Nenhum dêstes quatro delegados podia, em quaisquer circunstâncias, pretender que as organizações que diziam representar viessem a fazer parte integral da Internacional Sindical Vermelha. Admitiu-se que a Liga de Educação Sindical, representada por Dixon, fôsse apenas um *bureau* de propagação na cidade de Kansas para educação dos membros da A. F. of L. nos princípios comunistas.

Argumentou-se que, desde que haveria alguns membros radicais dos sindicatos de Kansas que, como tais, não tinham organização, o seu representante lógico era a Liga de Educação Sindical ou, noutras palavras, o Partido Comunista personificado por Dixon. O ponto de vista comunista é de que todos os sindicatos da A. F. of L. tem o que chama uma minoria radical que se esforça por destituir os actuais dirigentes da A. F. of L. Esta minoria radical não tem organização pela qual possa expressar-se mas deve fazer representar-se em Moscóvia.

O partido comunista tem uma organização, portanto nomeia um delegado com qualquer minoria que apareça no horisonte operário. Ora, para pôr o caso doutra forma: Há muitos radicais na A. F. of L. mas não tem organização, os comunistas da América tem uma organização mas não tem membros.

## Minorias feitas á ordem

A maneira de definir uma minoria radical, nos círculos comunistas, é única. Por exemplo, as uniões operárias de Seattle declararam uma greve geral contrária aos desejos dos dirigentes internacionais dos vários sindicatos envolvidos; ou o Conselho operário de Seattle toma a resolução de favorecer o reconhecimento da Rússia Sovietista. Isto é contra a atitude de Gompers. Há 60:000 membros da A. F. of L. em Seattle, portanto na concepção comunista das coisas os 60.000 membros são uma minoria da A. F. of L. e pela razão descrita têm direito a ter um delegado em Moscóvia,

Entre os mineiros de Kansas mantem uma atitude hostil contra os dirigentes da A. F. of L. e contra as Uniões dos Mineiros. Têm um chamado dirigente progressivo e declara greves não autorizadas; há 70.000 mineiros do carvão em Kansas que por causa da sua geral atitude são considerados uma minoria e como tal deviam ter um delegado em Moscóvia. De facto, eles deviam e desde que eles como minoria não tiveram maneira de eleger um delegado, o Partido Comunista, por intermédio do Bureau Operário Vermelho, de Nova York, por favor alivia-os dêsse encargo e um comunista que nunca viu uma mina de carvão na sua vida é enviado para Moscóvia.

Mas há ainda processos usados pelos comunistas para criarem minorias. Diversos comunistas trabalham, digamos assim, em qualquer oficina dos caminhos de ferro. Como membros do Partido Comunista formam o que se chama movimento subterrâneo e como tais são os representantes oficiais comunistas com qualquer minoria que a sua situação possa arranjar. Se qualquer dos outros operários dessas oficinas, que sejam talvez radicais no seu modo de ver, conhecem a sua situação e não lhes faz diferença que sejam representados em casos hipotéticos as eleições não são necessárias. Para os comunistas qualquer sindicato é uma minoria potencial em mais do que uma forma. Os mineiros de Kansas e as uniões de Seattle são minorias nacionais, mas entre os mineiros de Kansas e as uniões de Seattle são minorias nacionais, mas entre os mineiros de Kansas

e as uniões de Seattle há outras minorias por causa da presença dos dirigentes conservadores. De facto, os comunistas criaram tantas minorias que nos admiraremos de encontrar uma maioria. As minorias são feitas à vontade da ocasião. Assim os comunistas necessitaram minorias nacionais para o Congresso Sindical Vermelho e elas foram prontamente fornecidas pelo Bureau Operário Vermelho de New York.

O que acabo de explicar dá-se com todos os países representados. A Alemanha, por exemplo, tinha mais de 70 delegados presentes; mas dêste número talvez uns 12 representavam as organizações operárias actuais. Os restantes estavam como representantes do movimento sindical alemão. Mais ainda, quasi todas estas minorias eram também delegados ao Congresso da Terceira Internacional.

Em vista do que tenho dito, poder-se-ia perguntar porquê um tal manifesto desejo para «entulhar» o Congresso da Internacional Vermelha, com delegados que não representavam organizações operárias quando foi publicado o apêlo pelo conselho provisório da I. S. V., pois era claramente estabelecido que o Congresso seria composto só por delegados dos sindicatos radicais e que seria formada uma internacional puramente económica separada da organização política. Eu creio que todas as organizações económicas que responderam à chamada acreditaram que a I. S. V. era independente de qualquer dominação duma facção política. A resposta a isto é simples: tendo falhado a adesão das uniões operárias radicais à Internacional Comunista, e sabendo-se que havia um desejo universal para a formação duma internacional composta apenas de organizações operárias radicais; observando-se que cedo ou tarde esta internacional seria formada, os tácticos da Internacional Comunista conceberam a idea de formar a Internacional Sindical Vermelha e de a dominar pelo méro facto de que teria a sua séde em Moscóvia. Assim as organizações económicas radicais ao aderirem à I. V. colocar-se-iam completamente sob o domínio da I. C. como se fôsem unidades da Terceira Internacional.

O plano revelado pelas deliberações é colocar cada movimento operário nacional, radical ou qualquer outro, sob o domínio da facção política de cada

país, com o comité executivo da Internacional Comunista como supremo ditador do mundo proletário.

## «Atulhando» o Congresso

Além dos delegados das minorias já referidos, havia-os também de países onde não existem organizações operárias revolucionárias. Havia delegados da Palestina, da Geórgia (Asia), de Azerbaijão, Corêa e doutros lugares, muito numerosos para indicar e difíceis de encontrar no mapa. A ridícula pretensão de que existem organizações operárias revolucionárias no Azerbaijão ou na Palestina, e a audácia de aceitar delegados destes países num congresso de associações revolucionárias, indicam simplesmente a vontade de encher o congresso de delegados do «calibre desejado» ou da feição, para se aprovar o programa desejado. E qualquer programa destinado à apreciação do Congresso era pôsto de parte pela simples intenção de colocar a I. S. V. sob o domínio dos políticos. De facto a maior parte dos delegados do Azerbaijão e da Corêa tinham recebido as credenciais em Moscóvia e nunca tinham visto esses países.

Não posso referir neste relatório os actuais trabalhos do Congresso porque não tenho para me referir, aqui em Berlim, do que está impresso em inglês. Posso, contudo, afirmar que nada de natureza construtiva foi jámais admitido ou aprovado. Depois de tudo quanto se disse e se fez no primeiro congresso da I. S. V. os resultados a constatar serão estes:

Que foi escolhido (não eleito) um Conselho Executivo, composto todo de comunistas e que qualquer organização operária revolucionária que adira à I. S. V. será sujeita ao mandato deste Conselho. Em troca, este Conselho será puramente um *bureau* do comité executivo central da Internacional Comunista.

Um dos mais claros exemplos das fraudes praticadas no Congresso Vermelho pelo grupo político dirigente foi a escolha de Andreytchine para membro do Conselho Executivo. Andreytchine chegou a Moscóvia alguns dias antes de encerrado o Con-

gresso, e como bem se sabia era um refugiado político da América. Não era delegado nem possuía credenciais de qualquer organização. Mas como é comunista e tido, em Moscóvia, como membro influente dos I. W. W., estou realmente informado que Andreytchine foi escolhido como representante da América no Conselho Executivo por um conluio secreto de comunistas americanos em Moscóvia. E a maioria daqueles que participaram no conluio nem sequer foram delegados à I. S. V. mas delegados ao congresso da Terceira Internacional.

Pouco depois de ter chegado a Moscóvia e analisado a situação que resumidamente descrevi abandonei as reuniões da delegação americana e recusei assistir às suas resoluções.

Não podia tomar parte em tão burlescos procedimentos. Tinha uma minoria de três votos contra treze. Sobretudo havia uma decidida hostilidade contra os I. W. W., e vi que o congresso seria dominado pelos comunistas e que por êsse facto nada poderia ser feito. O comité de credenciais decidia os trabalhos de todo o congresso. Tudo estava de antemão preparado. Quanto aos delegados das organizações operárias revolucionárias que assistiram ao congresso, teriam feito melhor ter ficado no seu país.

De qualquer forma fui escolhido para servir em dois comités (não eleito, pois fui apenas informado de que *eles* precisavam que eu trabalhasse).

Ambos os comités reuniam ao mesmo tempo e portanto era impossível trabalhar nos dois. Estes comités eram, já se sabe, dominados pelos políticos e uma farça as suas resoluções.

Esperem a crítica dos comunistas da América, quando o meu relatório fôr publicado. A minha recusa em assistir às reuniões da delegação americana e dos comités, servirá de base para um ataque.

Mas sinto-me justificado da minha atitude em Moscóvia. Eu não podia nem queria trabalhar em harmonia com a máquina política. Para mim, e estou certo que para todo o I. W. W. o primeiro Congresso da Sindical Vermelha, significava a criação duma internacional económica livre do domínio de qualquer grupo político. Achei que o congresso era dominado pelo partido comunista, e com um pro-

grama que colocava toda a organização industrial mundial sob o seu domínio.

As sessões do congresso eram também uma indicação da dominação política. Uma particular característica do congresso era o pouco tempo que duravam as suas sessões. Qualquer pensaria que um congresso convocado para formar uma organização mundial das uniões operárias revolucionárias teria muito que discutir. A duração do congresso foi de doze dias. Considerando que as traduções necessárias de cada discurso, moções e resoluções, que tomavam pelo menos dois quintos do tempo, e o facto de que muitos discursos eram feitos sobre questões essencialmente inaplicáveis, o trabalho construtivo do congresso fica reduzido a cinco dias. Mas o chamado trabalho construtivo do congresso é, em si mesmo, uma separada história de que eu não posso tratar aqui.

No entanto, o que foi feito para construir pode ser facilmente avaliado pelas resoluções impressas que já estão ou deviam estar na América. O certo é que nenhum programa foi adoptado que contenha qualquer ideia ou plano de organização, o que mostra bem o dedo da facção política. A verdade, em poucas palavras, é que a facção política não quer uma Internacional económica de facto, mas apenas de nome. E' bem evidente que uma verdadeira Internacional das uniões revolucionárias se tornaria uma organização tão potente e de tal influência no campo revolucionário mundial que as organizações políticas teriam de render-se com toda a sua posição dominadora.

Os tácticos da Internacional Comunista sabem isto bem, por isso fazem todos os esforços para dominar uma organização de tal natureza, conservando-a no estado de embrião.

Os resultados do congresso foram uma grande desilusão e uma grande lição para mim. Das minhas observações na Rússia, e dos meus esforços feitos para dominar a I. S. V., convenci-me de que uma verdadeira internacional económica das organizações revolucionárias industriais não pode existir com a séde em Moscóvia, sem ser dominada pela Internacional Comunista. E' uma impossibilidade física.

Como uma explicação do que acabo de afirmar

requeria uma discussão sôbre as condições na Rússia reservarei êste assunto para o Conselho Geral Executivo.

Praticamente todos os delegados sindicalistas e muitos das próprias organizações, eram contrários ao procedimento do congresso. Todos reconheceram o domínio dos políticos.

Conheço bem a atitude geral dêstes delegados porque praticamente todos participaram das contêrências das minorias durante e após o congresso. Na prática todos teem o mesmo ponto de vista do que eu.

Talvez muitos na América fiquem surpreendidos com a minha atitude, e facilmente compreendo (em vista da vigorosa campanha de propáganda comunista na América) que muitos julgarão que o meu relatório não é baseado em factos, mas o resultado do Congressos foi para mim, "como para qualquer outro", como já disse, uma profunda desilusão. Não tenho vantagens em tomar uma atitude contrária á do Partido Comunista. Mas, quanto a mim, sou contrário a qualquer partido político, quer seja ou não revolucionário e ao que eu aqui disse terei mais que acrescentar quando voltar para a América.

Vosso pela Liberdade Sindical.

**George WILLIAMS.**



## Relatório geral

No meu relatório preliminar enviado da Alemanha, eu disse que não podia ainda tratar das resoluções tomadas pelo Congresso da I. S. V. (Internacional Sindical Vermelha) porque não tinha nesse momento, em meu poder, os elementos necessários para o fazer. Esperava que, à minha chegada à América, encontraria esperando por mim toda a documentação por mim coligida em Moscóvia. Mas tal não aconteceu e não há maneira de saber quando isto sucederá. Estes documentos eram muito importantes, pois que compreendiam tudo quanto até à data em que parti de Moscóvia, se tinha publicado em inglês sobre as resoluções do Congresso, além de muitas coisas, ainda por traduzir em russo e em alemão. Era impossível sair com isto da Rússia, primeiro, porque não era permitido, segundo, porque era grande a quantidade—uma mala cheia.

Esses documentos compreendiam as resoluções diárias do Congresso, em inglês, notas tomadas por mim diariamente, panfletos e outros assuntos importantes. Vendo que nada tinha chegado à América, comecei a coligir o que pude, em Chicago, mas até à data pouco pude obter, tudo indicando que levará algum tempo a tarefa de reconstituir tudo quanto já tinha conseguido na Rússia. Deseja-se um relatório neste momento e não posso pô-lo de parte até que cheguem os documentos da Rússia, não havendo tempo para os coligir aqui na América.

Tenho agora em meu poder «As Resoluções e Decisões aprovadas pelo Primeiro Congresso da I. S. V., algumas das resoluções diárias em inglês (uma peque-

na colecção mas suficiente para um relatório) e também algumas notas que trouxe comigo. Farei um relatório com isto, baseando-me quasi inteiramente nas "Resoluções e Decisões", aprovadas pelo primeiro Congresso da I. S. V. Na minha opinião isto será suficiente porque, apesar de tudo, estas resoluções e de cisões são uma recapitulação de todos os trabalhos, e é por elles que os membros dos I. W. W. devem formar as suas opiniões. Explicarei tanto quanto possível cada resolução e decisão. De vez em quando referir-me hei também ás resoluções e decisões tomadas pela Internacional Comunista, afim de chamar a atenção para a significação das medidas adoptadas pela Internacional Vermelha.

### **Fui com grandes esperanças**

Não havia dúvidas no meu espirito, quando parti para a Rússia, depois de ter sido escolhido pela assemblea geral dos I. W. W. como delegado ao Primeiro Congresso da I. S. V., pois se esperava que elle devia ser um esforço sincero para a formação duma Internacional dos organismos operários revolucionários do mundo, e, sobretudo, que ella seria independente de qualquer grupo politico. Na verdade, eu estava entusiasmado com o pensamento de que os trabalhadores se uniriam em Moscovia e formariam uma organização irresistivel. Estou certo tambem de que todos os delegados estavam interessados, como eu, na expectativa de que os I. W. W. se tornassem uma unidade duma organização mundial. A assemblea prestou, certamente, uma grande atenção aquillo que julgava ser uma Internacional das organizações operárias vermelhas, e os delegados gastaram muito tempo em sessões extraordinárias esclarecendo as ideas dos I. W. W. sobre o assunto.

Todas as informações recebidas nessa ocasião na America falavam duma Internacional independente. Hardy, que tinha então regressado da Rússia, no seu relatório à assemblea chamou especialmente a atenção para a attitude dos dirigentes da Terceira Internacional e daqueles que estavam então à frente do Conselho Provisorio das Uniões de industria e de officio. Citou Tomsy, que nessa ocasião era membro

dêsse Conselho, que favorecia uma Internacional independente. Na realidade todos os dirigentes na Rússia, segundo o relatório de Hardy, parecia desejarem, por vários motivos uma Internacional independente.

A tempestade que se levantou nos I. W. W. a propósito da votação da sua adesão à Terceira Internacional e a subsequente retirada do voto pelo Comité Geral Executivo, mostrou evidentemente que os seus membros nada queriam de comum com uma facção política. No conjunto, as aparências pareciam indicar que a atitude decidida das organizações operárias revolucionárias do norte e do sul da América e da Europa contra a adesão a uma facção política devia breve cristalizar-se numa Internacional independente.

### **A Conferência de Berlim**

A Conferência Internacional Sindicalista de Berlim, na qual tomaram parte os I. W. W., realizou-se em Dezembro de 1920, estando representados 977.000 trabalhadores de vários países, e a sua conclusão final foi a aprovação de seis pontos que pareceram satisfazê-los, e que obtiveram a simpatia das grandes organizações operárias que não estavam presentes. No meu entender, eram esses pontos uma base magnífica para a formação duma Internacional Industrial (dos trabalhadores das indústrias).

Eu próprio, antes de ir para Moscóvia, via a situação geral do seguinte modo:

A Internacional Comunista depois de se ter baldamente esforçado para levar à sua organização os sindicalistas e os industrialistas revolucionários, e de reconhecer que talvez jámais o conseguisse, chegou à conclusão de que a única solução do problema era a formação duma Internacional independente, que, como tal, seria mais útil à revolução russa do que na sua então isolada situação. E, o que é mais lógico, em vista da situação, é que se estes organismos operários revolucionários se chegarem a reunir e a tomar conta da sua situação, tornar-se há de pouca utilidade o forçar a sua ligação com facções políticas. Acima de tudo, era a Solidariedade

Internacional o que mais se desejava, o facto mais imperativo».

Neste estado de espirito, e, como já disse, convencido desejo sincero de todos os interessados em formar uma Internacional independente, parti para Moscovia levando simplesmente instruções recebidas da organização. Tivesse eu, ou os delegados a assemblea, sabido que rumo tomaria o primeiro Congresso da I. S. V. e com certeza iriamos mais prevenidos com documentos necessários e referentes ao movimento operário americano. Mas, embora a nossa assemblea geral, quando tratou da questão do Congresso Internacional Sindical Vermelho, supozesse que neste só se trataria duma Internacional económica, o mesmo não aconteceu com os elementos comunistas, que, por tôdas as indicações, se tinham preparado febrilmente durante meses para lá se apresentarem em massa.

De quasi todos os países, especialmente Argentina, Austrália, Nova Zelândia, México e, em grau inferior, dos países da Europa, os representantes das organizações operárias revolucionárias se apresentaram com simples instruções semelhantes as minhas, e, como eu, só se preocupando com o problema de unir a sua organização particular ás outras organizações do mundo.

### **Os comunistas bem preparados**

Mas, em número atarrador digno de respeito e sobrecarregados com o pêso de documentos referentes a tôdas as fases da teoria comunista sobre o movimento operário, os delegados comunistas de todos os países apresentaram-se no primeiro Congresso da Internacional Vermelha, reduzindo completamente a uma minoria insignificante os delegados das organizações sindicalistas e industrialistas. Desdobrando volumosos documentos procuraram demonstrar que tôdas as organizações operárias revolucionárias de qualquer país, que se não mostrassem dispostas a unir-se à Terceira Internacional, não eram na verdade senão «contra-revolucionários ligados à burguesia» e muitos outros epítetos bastante desagradáveis.

Apresentavam teses em que estabeleciam que a única solução, em todos os países, era a liquidação das organizações operárias revolucionárias levando-as à organização operária conservadora. Era para elles um imperdoável crime que uma organização como os I. W. W. ou como as Uniões Sindicalistas alemãs mantivessem uma existência separada das conservadoras «trade unions». Em resumo, tôdas as assembleas do Congresso não pareciam mais do que uma grande audiência judicial em que os grandes sacerdotes da Internacional Comunista julgavam os «criminosos» sindicalistas, chamados como que para assistirem aos seus próprios funerais. E o que poderiam fazer os insignificantes sindicalistas senão assistir calados e assombrados às imprevistas tiradas oratórias dos grandes mogóis da intelectualidade comunista!

A única coisa que o congresso demonstrou foi que «entre as concepções comunistas e industrialistas, nada existe de comum», e que entre os dois agrupamentos deve subsistir uma luta até que uma teoria ou a outra fique vencida.

Desembarquei em Petrogrado no dia 25 de Junho e cheguei a Moscóvia no 1.º de Julho. Demorei-me na primeira cidade alguns dias à espera da minha bagagem, mas não o teria feito se não tivesse sido informado que o congresso não abria antes de 17 de Julho. Apenas cheguei a Moscóvia ouvi dizer que o congresso começava no dia 3, tendo por conseguinte só dois dias para me preparar para o congresso, tendo gasto todo esse tempo a procurar alojamento e a própria repartição onde devia apresentar as minhas credenciais. Pouco depois estava em relações com três camaradas delegados (a que já me referi no meu relatório preliminar), dando-me a conhecer a situação no que dizia respeito à delegação americana.

Expliquei resumidamente, no relatório preliminar publicado no *Industrial Solidarity*, a maneira como funcionavam as delegações dos diversos países e talvez não fôsse mau reproduzi-lo aqui, com ligeiras alterações para o tornar mais claro.

Segundo a maneira como o congresso estava organizado, cada delegação se agrupava segundo o país. Assim, por exemplo, todos os delegados ame-

ricanos, incluindo o Canadá, estavam na delegação americana; todos os delegados ingleses na delegação inglesa, e assim sucessivamente. A estas delegações, isto é, Americana, Inglesa, Francesa, Alemã, Russa e outras, foi indicado que realizassem reuniões dos seus respectivos delegados e que escolhessem os membros para os vários comités com os das credenciais, de organização, tática, constituição, etc.

Era também trabalho de cada delegação dividir entre os seus membros o número de votos que lhes devia competir. Desta forma de proceder é fácil compreender que a distribuição de votos foi unicamente determinada por quem quer que estava em maioria em qualquer delegação particular. Já também disse alguma coisa acerca do meu protesto contra os outros membros da delegação americana, e no desejo de dar aos membros dos I. W. W. um conhecimento mais profundo da questão, ofereço uma cópia da declaração feita ao comité de credenciais pelos outros delegados americanos a respeito da distribuição de votos.

«1 voto para Emmous, que representava as uniões locais n.º 337, de Chicago; a n.º 225, de Dayton-Ohio e a n.º 47, de Denver-Colorado, da Associação Internacional dos Maquinistas, num total de 18.000 membros.

«3 votos para Crosby, que representava a União dos Metalúrgicos, a União dos Trabalhadores em Géneros Alimentares, os Manufactores de Calçado, o Comité da minoria dos empregados de rouparias de Boston, e também a minoria da União dos Fabricantes de Vestuário, de Boston, num total de 25.000 a 40.000 membros. Todas estas Uniões industriais são independentes.

«3 votos para Wells, representando o Conselho Central Operário de Seattle, da Federação Americana do Trabalho, num total de 50.000 membros. Esta organização é considerada um centro revolucionário no movimento trade-unionista, dirigindo a maior greve geral local na história dos Estados-Unidos.

«3 votos para Williams, representando os Trabalhadores Industriais do Mundo. Esta or-

ganização revolucionária é bem conhecida para que necessite referências. Segundo informação de confiança, os I. W. W. contam um pouco menos de 20.000 aderentes. A importância total da cotização entrada na sua sede central durante o ano—1 de Abril de 1920 a 1 de Abril de 1921—foi de \$47.020.21, segundo o relatório anual do Secretário-Tesoureiro. Dividindo esta soma por \$3.000 (importância paga por cada membro, por ano), vemos que 15.674 representa a média de aderentes aos I. W. W. durante o ano passado. Este número pode não ser exacto; podendo variar em mil ou dois mil para mais ou para menos, sendo por isto que a delegação não aderiu estritamente ao principio da representação proporcional neste caso, que podia dar aos I. W. W. um voto, ou quando muito dois, tendo-lhe sido dados três que consideram inteira e completa representação.

«3 votos para Batt, representando a Federação Operária de Detroit, da Federação Americana do Trabalho, num total de 60.000 membros. A Federação Operária de Detroit é uma das mais activas e revolucionárias organizações na América.

«3 votos para Dixon, representando os mineiros de Kansas, o Conselho Operário Unificado de New York, com um número combinado de 75.000 a 80.000 associados. Para facilitar a divisão de votos na delegação, o delegado Dixon renunciou à sua reclamação de votos adicionais.

«*ass. Jos. Dixon,*  
Secretário da Delegação Sindical Americana

Moscóvia, 5 de Julho de 1921.»

Todos os delegados americanos estiveram em Moscóvia pelo menos um mês antes da minha chegada, e consequentemente o trabalho de colocar os membros desta delegação nos vários comités tinha sido completo.

Os três camaradas a que já me referi no meu relatório preliminar, como estando em Moscóvia, dis-

seram-me à chegada que eram praticamente ignorados além de não contarem com eles para as deliberações da delegação americana, tendo deixado por isso de assistir às reuniões com bastante desgosto. Eu tinha algumas notas a êste respeito mas estão juntas ao outro material que ainda não chegou. No entanto, um dia depois da minha chegada a Moscóvia, assisti à reunião desta delegação americana, observando pelas suas acções que os seus membros estavam organizados com o fim de fazer prevalecer o programa comunista, e, além disso, com excepção de Wells e Crosby, mostraram uma amarga animosidade contra os I. W. W.

### Hostilidade contra os I. W. W.

E' estranho dizê-lo, e difficil de acreditar por muitos dêste pais, que existe uma attitude hostile contra os I. W. W. entre os dirigentes em Moscóvia. Supponho que em parte devido aos artigos de Sandgren no mensário da O. B. U., mas na minha opinião a razão principal vem das diferenças fundamentais existentes entre a teoria de organização comunista e a industrialista. O nome de Sandgren está ligado simplesmente para encobrir mais profundas razões. Como prova disto, temos a attitude hostile manifestada em Moscóvia contra qualquer organização revolucionária que regeitasse aderir à Terceira Internacional. Todas elas são caluniadas. Repito que é estranho dizer isto, lembrando as muitas histórias que teem sido contadas sôbre o acolhimento dispensado aos I. W. W. em Moscóvia. Mas quaisquer que sejam os sentimentos individuais dos que estão nos altos postos dos círculos comunistas, o que é certo é que os I. W. W. ouviram poucos elogios e muitas injúrias dos que occupam um plano inferior nos mesmos círculos. Poderia garantir ter existido um sentimento favorável, mas o desaparecimento dêste sentimento pode ser attribuído ao facto de que êsses dirigentes já não estão em Moscóvia, que outros tomaram os seus lugares, facto que é significativo para aqueles que conhecem o Partido Comunista da Rússia.

O Congresso da I. S. V., realizou-se segundo o



plano da agenda, com as adições apropriadas e necessárias para fazer com que a máquina se movesse tam macia quanto possível.

## Um presidente comunista

O presidente do congresso só pode ser o Secretario Geral da Internacional Vermelha, e Losovsky, que agora ocupa esse lugar, será o presidente do próximo e de todos os outros congressos, enquanto isso convier aos sumo-sacerdotes da Internacional Comunista. O Secretario Geral da Internacional Vermelha é eleito pelo conselho executivo composto de sete membros.

São eles: Losovsky e Nogen, pela Rússia; Tom Mann, pela Inglaterra; Anton Meyer, pela Alemanha; Arlandis, pela Espanha; Andreytchine, pela América. O sétimo lugar está vago por causa das divergências entre os italianos e franceses. Os membros do Conselho Executivo são todos comunistas, com a possível excepção de Tom Mann que, como Andreytchine, não representam ninguém. Este corpo executivo é o supremo árbitro da I. V. os seus membros são escolhidos pelo Conselho Central, que por sua vez é eleito por cada delegação nacional que assiste ao congresso e que é quem escolhe entre os seus membros quem deve tomar parte no Conselho Central. Como as delegações nacionais estão sempre asseguradas de uma maioria de comunistas pelo sistema de admissão de minorias comunistas, é facil ver que nunca haverá senão comunistas a dirigir a Internacional Vermelha. Com respeito aos regulamentos do congresso, eram simples—não havia nenhuns, que eu soubesse. Preguntei por elles, mas todos alegavam ignorá-los, todavia, por uma paciente observação eu soube que Losovsky era a fonte de todas as regras e o que elle dissesse era como se fôsse uma regra preestabelecida, a não ser que, por opinião sua, qualquer situação necessitasse duma revogação das primeiras decisões.

## O Rôlo a Vapor

A maneira como se apresentavam e aprovavam moções merece comentários. Quando alguém se levantava para apresentar uma proposta que não agradava ao presidente, este apresentava imediatamente uma proposta sua, fazia cessar a discussão, submetendo a proposta à aprovação, do seguinte modo:

«Há alguém contrario à proposta do presidente? Ninguém faz objecções». E a primeira proposta é rejeitada automaticamente.

O presidente podia sempre fazer terminar qualquer discussão, bastando para isso, simplesmente, acenar com a mão. Apenas uma vez durante todo o congresso foi dada a palavra a um delegado antes do presidente, porque este pôs a questão à aprovação da assembleia, e os delegados mostraram desejos de conceder a palavra ao dito delegado sem licença do presidente.

A principal dificuldade no Congresso e que foi sempre um obstáculo para a compreensão comum de qualquer assunto, era o facto de que muitos poucos delegados compreendiam mais do que a sua própria lingua.

As linguas officiais usadas foram o inglês, o francês, o alemão e o russo. Estas constituíam os quatro principais grupos no congresso. Todos os boletins diários, resoluções e teses, eram impressos nêstes idiomas. Mas por falta de facilidades a impressão, em inglês, das resoluções do Congresso, ficaram muito para trás das outras. Quando deixei Moscovia, um mês depois de encerrado o Congresso da Internacional Vermelha, muito pouco estava ainda impresso em inglês. Todavia, as outras linguas tiveram melhor sorte, e os delegados da Rússia, França e Alemanha conseguiram obter notas bem completas sobre o Congresso. Deve notar-se também, a este respeito, que no intervalo de duas sessões do Congresso da Tereceira Internacional, os estabelecimentos onde se fazia a impressão foram inundados.

A falta de matéria impressa em inglês foi um obstáculo, por mais de um motivo. Causou uma grandíssima falta de teses, relatórios e resoluções impressas que eram necessários para estar em con-

tacto com os pontos de vista dos delegados dos outros países. Em vez de esperar ouvir relatórios verbais e apanhar apenas resumos do que se dizia nas pobres traduções, uma cópia impressa teria sido de uma grande vantagem.

Como se fêz, tornou-se necessário estar dependente dos tradutores para toda a informação do que era dito pelos oradores de outras línguas. A função dos tradutores era uma das mais importantes de todo o congresso. Dêles dependia a permuta de pensamentos e de ideias de um grupo de um idioma para o de outro, e nas suas mãos estava o poder transmitir correcta ou incorrectamente o que se dizia. Seria com certeza pouco razoável supor que um tradutor, ainda que bom e claro, podesse traduzir, palavra a palavra, tudo quanto foi dito, sendo ainda fácil admitir que se um tradutor está em desacôrdo com as ideias do orador não é «habilidade» traduzir péssimamente de maneira a que os que escutarem a sua tradução recebam um relato alterado do que foi dito.

### **Um tradutor do Partido Operário Socialista**

Um dos melhores tradutores no Congresso Vermelho era Boris Reinstein, que era membro de destaque no P. O. S. na América, antes de ir para a Rússia. Reinstein é contra os I. W. W. E' agora membro proeminente do Partido Comunista Russo e, além de ter uma especial antipatia pelos I. W. W., também não simpatiza com qualquer outra organização que não concorde com a teoria comunista.

Um outro tradutor era uma mulher que tinha fama de falar catorze línguas. Exerceu as mesmas funções no congresso da Internacional Comunista. Incluía a língua inglesa no seu reportório, mas, na verdade, o seu saber não chegava ao de uma criança num jardim-escola.

Reinstein e outros tradutores eram compelidos a tomar parte no congresso Sindicalista e no Comunista por causa duma suposta falta de talentos desta natureza. Mas isto não era verdade, porque havia em Moscovia muitas pessoas capazes de desempenhar

esta tarefa. Não se serviram deles, porque os seus pontos de vista não coincidiam com os dos que tudo podiam. Havia dois tradutores que eram aparentemente bons, um que foi destinado à delegação americana e outro à delegação francesa. Mas Reinstein e a mulher sabotavam tudo que não estivesse de acôrdo com os seus dogmas.

E, também, os tradutores só traduziam as moções e os discursos importantes. Muitas discussões entre o presidente e alguns delegados sôbre pontos respeitantes ao congresso não foram traduzidos. Em abono da verdade, deve dizer-se que era fisicamente impossível traduzir tudo; mas este facto tornou também impossível conhecer tudo quanto lá transpirou. Na realidade, eu só podia compreender o que se dissesse na língua inglêsa e muitos outros delegados estavam nas mesmas condições do que eu, de forma que quasi todos os delegados estavam isolados entre as paredes do seu próprio idioma.

Considerando o caso filosoficamente, contudo, não importaria muito, além de se conhecer só uma língua, o ser também surdo e mudo, porque, afinal, havia só um possível resultado em tal congresso, cheio como estava de comunistas, e todas as discussões e agitações que qualquer podia produzir de nada valeriam numa tal atmosfera. O congresso terminava e todas as decisões foram feitas antes dele ter começado.

### **Como foi formada a I. V.**

Como foi formada a Internacional Vermelha é uma história ainda sombria para muitos americanos. Poucos indivíduos estranhos ao Partido Comunista sabem que a Internacional Sindical Vermelha foi fundada pelo Comité Executivo da Terceira Internacional, muito antes de na América se falar nela. Zinovief, no seu relatório do Comité Executivo apresentado ao 3.º congresso da Terceira Internacional, dizia :

*«Por iniciativa do nosso Comité Executivo, o Segundo Congresso fundou a Internacional Sindical Vermelha. Coisa inteiramente nova até essa ocasião, o camarada Lorovskiy apurou que mais de 15.000.000 de trabalhadores organiza-*

dos pertencem já à nossa *Internacional Sindical*. O nosso primeiro trabalho foi a publicação de um manifesto contra a *Internacional de Amesterdão*; e neste congresso nós faremos muito mais. Eu creio que a significação deste congresso é bem clara para nós. A nossa luta contra a *Internacional de Amesterdão*, o último baluarte da burguesia, deve prosseguir até ao fim. Para esta questão tão importante, deve o congresso prestar a maior das atenções. Depois do Congresso, esta questão deve ser tratada por todos os partidos aderentes como o mais importante problema do dia.»

Não é sem razão que Zinóvief usa o termo — a *nossa Internacional Sindical*, como mostrarei mais adiante.

Desde o princípio que a *Internacional Vermelha* era controlada pelos comunistas, e a sua única função durante muito tempo foi agir como *bureau* do Comité interno, uma espécie de secção sindical. Sendo criada pelos comunistas, era natural que os seus primeiros dirigentes fôsem comunistas, e como membros do partido estes dirigentes não podiam fazer outra coisa senão preparar o curso do novo movimento segundo os princípios do Partido Comunista.

### **Comitês operários escolhidos a dedo**

Estes *leaders* seleccionados, da *Internacional Vermelha*, não podem ser mais claramente identificados, nem a fonte da sua inspiração mais francamente indicada, do que comparando as suas ideias com as dos políticos de Moscóvia. Em tôdas as teses saídas dos cabeças da *Internacional Vermelha* se pode ver a impressão digital de metade dos intellectuais que constituem o centro da *Terceira Internacional*. De facto, elles são todos da mesma familia politica. Lórovsky é membro do comité central do Partido Comunista Russo, e os seus cooperadores estrangeiros (na ocasião da fundação do Conselho Provisório das Uniãoes Industriais e Sindicais, e ainda hoje) são todos dirigentes de destaque nos partidos comunistas dos seus respectivos países. Estando assim definido

o parentesco da I. V., não é necessário grande esforço para ver que quaisquer adições feitas à I. S. V. passariam automaticamente sob o «control» da Internacional Comunista.

Em todos os grandes países, imediatamente depois da fundação da Internacional Vermelha, foram criados «bureaus» operários vermelhos, dirigidos por comunistas e financeiramente auxiliados pela Internacional Comunista. Era dever destes «bureaus» (especialmente antes do primeiro congresso da I. V.) organizar grupos de delegados comunistas de qualquer possível procedência, (já descrevi como se criavam minorias) para estarem informados a respeito do movimento operário e da sua atitude para com a Rússia. Mas a sua principal função era enviar suficiente número de delegados comunistas à I. V. e assim assegurar uma maioria sobre quaisquer organizações que decidissem nela tomar parte. O que naturalmente aconteceu com o Comité Operário Vermelho de New-York foi duplicar a delegação americana, o mesmo acontecendo com os outros países. O Comité Operário Vermelho de New-York pagava as despesas de todos os delegados enviados por êle, além de \$25.00 por semana para sustento da família, dos que a tivessem, enquanto estivessem ausentes. Não há nada pior do que isto, pois isso só indica, sem dúvida, que os enviados iriam bem impressionados com a concepção comunista sobre as uniões operárias. Em vista do que tenho dito neste relatório não fiz afirmação de assombrar quando disse: «O congresso da Internacional Vermelha acabava e todas as decisões foram feitas antes de ter começado».

O leitor deverá não fazer caso do estilo defeituoso adoptado neste relatório, por vezes repisando o que já foi dito, porque dependente da memória e de muito poucos documentos, encontro-me impossibilitado de reproduzir cada fase da situação e de a discutir detalhadamente. Por isso, com o fim de explicar mais adiante o control do congresso da I. S. V. pelos comunistas, discutirei outra vez o comité de credenciais, porque êle foi o último processo, como passatempo, de, por qualquer forma, fazer delegados.

los dirigentes de destaque nos partidos  
dos seus respectivos países. Estando assim delimitado

## O Comité de Credenciais

Eu não sei como nem quem criou o comité de credenciais que como tal funcionou para a Internacional Vermelha. Apesar disso eu sei que todos eles eram comunistas, e sei que no congresso jámais foi eleito um comité de credenciais, além de que se propôs a eleição dum tal comité. Ainda mais, nenhuma lista foi jámais fornecida contendo os nomes dos delegados presentes e das organizações que representavam, o que também se havia proposto! Os mandatos dos delegados foram cuidadosamente guardados, e foi somente depois de persistentes pedidos que me foi permitido dar uma vista de olhos nos mandatos da delegação americana contra quem eu protestei. Os únicos membros do comité de credenciais cujos nomes eu posso recordar, sem recorrer às minhas notas, são: Boris Reinstein, pela Rússia; Bela Santo, pela Hungria; Watkins, pela Inglaterra. Enquanto que o comité de credenciais não apresentou relatório completo, Reinstein apareceu ante o congresso na qualidade de secretário do comité com poderes para discutir nas diferentes delegações o que se dissesse sobre a distribuição de votos, e porque essas resoluções merecem ser mencionadas, quando mais não seja para mostrar a sua atitude, reproduzirei algumas aqui. O que se segue diz respeito à discussão entre Cascaden, delegado dos Lenhadores, do Canadá Oriental, e Knight, que representava o O. B. U. do Canadá:

*Remstein.* — «O caso é como segue: Cascaden chegou a Moscóvia e apresentou as suas credenciais. Por desconhecidas razões, recusou dar qualquer informação sobre a atitude da sua organização para com os princípios fundamentais do Conselho Internacional dos Sindicatos, e, especialmente, declinou dar-nos informação da atitude da sua organização a respeito da questão da ditadura do proletariado. Quando o comité de credenciais, antes de reconhecer o seu direito de voto, o entrevistou de novo, tornou-se claro que **êle era representante do elemento anarquista da organização da «Uma Grande União», e que êle es-**

tava inclinado a considerar a ditadura do proletariado da mesma forma em que é tida por muitos outros anarquistas, isto é: **Como uma nova forma de opressão estatal.**

«O resultado foi o comité de credenciais dar ao camarada Cascaden apenas um voto consultivo.

«Alguns camaradas das delegações espanhola e francesa pediram então que ao camarada Cascaden fôsse dado um voto decisivo. Por seu lado apresentou uma declaração em que reconhecia a ditadura do proletariado como medida provisória, mas só como ditadura exercida pelas organizações económicas e não por uma organização política.»

Foi então que o comité de credenciais finalmente decidiu dar ao camarada Cascaden um voto decisivo.

O que é particularmente interessante no caso Cascaden, é ter-lhe sido primeiro recusado voto, baseando-se em que era suspeito de anarquismo.

Vejamos agora o que diz o comité de credenciais na discussão da delegação americana:

### **Dispondo dos I. W. W.**

*Reinstein.*— «Deve notar-se aqui que é impossível estabelecer com exactidão o número de membros dos I. W. W. depois desta organização existir há 16 anos. Segundo o próprio Williams a sua organização conta de 70.000 a 100.000 aderentes; mas segundo os números apresentados ao Congresso Comunista e as notas indicando as receitas da tesouraria central desta organização, esta tem 15.000 ou 16.000 aderentes.

«O comité de credenciais discutiu a questão e chegou à conclusão que a moção feita pelos camaradas, contra quem Williams protestou, devia ser aprovada, com excepção dum voto dado aos delegados maquinistas e três votos decisivos dados a cada um dos cinco delegados



americanos. Nós consideramos esta resolução perfeitamente justa.

Mostrei perante o comité de credenciais e perante o congresso que os números de onde haviam deduzido o número de aderentes, estavam incompletos, além de afirmar que o que importava não era o número de aderentes mas que era uma questão de princípio. Além disso, nunca se tinham discutido questões ou declarações financeiras dos outros delegados de organizações de que se diziam representantes. Mas, naturalmente, fizeram orelhas moucas.

Sobre a questão dos alemães, Reinstein deu-nos indicações da situação, embora não completa, parecendo-nos ser aquilo que já se esperava.

*Reinstein.*—«Quanto à questão alemã ainda em discussão, os delegados alemães estão, sem dúvida, bem informados quanto aos factos e valor do caso. O camarada Malzan (comunista) mantém, em nome do comité central do movimento sindical organizado pelo Partido Comunista Unificado da Alemanha, que de 9 milhões de trabalhadores organizados e pertencentes aos chamados grandes Sindicatos Livres, alemães, 2.200.000 estão ao lado da Internacional Vermelha.»

Os representantes das uniões independentes da Alemanha afirmam que estes números eram um mito e que não havia maneira também de dizer o contrário. Foi ainda Reinstein quem falou em nome do comité:

«O comité de credenciais, ouvindo e discutindo os argumentos dos representantes, e que dizem respeito a ambos os partidos, decide finalmente que seria mais equitativo e adaptável ao interesse dos sindicatos garantir 11 votos à representação do comité central (minoria comunista) do movimento sindical, dirigindo as atividades entre as massas sindicadas da Alemanha e distribuindo os restantes 5 votos entre os representantes da opposição independente dos sindicatos.»

Como comunista esperto, na questão alemã, Richard Muller (comunista) disse:

«Uma eleição feita nos sindicatos a favor do Partido Comunista Unificado da Alemanha, ou seja a favor de Moscóvia, dá o seguinte resultado:

«União dos Trabalhadores Agrícolas, 150.000; Pedreiros e Construtores, 150.000; Trabalhadores em Madeira, 300.000; Trabalhadores de Transportes e Comunicações, 275.000; Fabricantes de Vestuário, 96.000; Trabalhadores de Fábricas, 60.000»

### A arimética comunista

A verdade é que não se aprovou tal voto, excepto para com poucas uniões isoladas, e mesmo a essas não lhe foi cortado claramente o voto. O processo applicava-se aos aderentes a Amesterdão, e naturalmente aqueles que não estavam nesses casos eram imediatamente apanhados pelo Partido Comunista Unificado, como propriedade de Moscóvia. E os 2.000.000 de trabalhadores que os comunistas alemães contavam como seus foram arrançados pelo simples processo de multiplicar os poucos votos das uniões dispersas por todo o movimento operário alemão. Toda a gente que conhece qualquer coisa acerca do movimento operário alemão concordará que se o chamado comité central do movimento sindical alemão tivesse 2.000.000 de aderentes, estes agitariam as uniões conservadoras em todo o país, e exerceriam indiscutivelmente, o *control*.

Mas não houve discussão no comité de credenciais porque as maiorias, sendo instrumento criado por eles, os apoiariam.

A situação da delegação espanhola a respeito da distribuição de votos foi um reflexo do sentimento geral entre os delegados sindicalistas e industrialistas e mostra bem a oposição feita ao comité de credenciais, e que é como segue.

## O protesto espanhol

«A delegação espanhola concorda que o actual congresso de Moscovia é um congresso constituído por tôdas as organizações operárias revolucionárias, especialmente pelas organizações que, desde o começo da Revolução Russa estiveram, até certo ponto, ao lado dela, combatendo a politica reformista da Internacional de Amesterdão. Julga que a história do movimento sindical europeu e americano indica que há forças organizadas com que se deve contar, especialmente no Congresso Constituinte da Internacional Vermelha, Julga que a história do proletariado espanhol, que durante todos estes anos foi fiel aos seus princípios revolucionários; que a história do proletariado francês, cujos princípios se basearam sempre na independência do movimento sindical e na luta contra todos os partidos políticos, e que se tem esforçado por uma politica operária de luta económica; que a história do proletariado americano, a dos I. W. W., que sempre tem defendido as mesmas ideas e táticas adoptadas pelo proletariado revolucionário da Europa—entende que a todos estes elementos deve ser garantido um sufficiente número de votos de forma a tornar efectiva a sua influencia».

«Devemos incluir a minoria revolucionária da Holanda, assim como outras minorias revolucionárias (falo sob o ponto de vista sindicalista) que representam já uma força que muito se impõe. Na Alemanha, temos que juntar três organizações desta natureza, que desligando-se de Amesterdão apresentam agora uma força organizada de 400.000 trabalhadores. Esperavamos que tudo fôsse tomado em consideração pelo Congresso Constituinte dos Sindicatos Vermelhos, mas a nossa expectativa foi iludida. Vemos que foi já tomada a decisão de criar uma maioria, que nós podemos chamar desde já uma maioria fictícia. Há, assim, um justificado receio de que se pretenda suprimir tôdas as tendências revolucionárias do Sindi-

calismo Internacional e dar ordens à nossa Internacional Sindical que não serão aceites por parte do proletariado da Europa Ocidental, quaisquer que sejam as decisões dêste Congresso. Por outro lado, estão aqui representados países em que não há organizações sindicalistas revolucionárias, ou, se as há, são de pouca influência. E a tôdas essas organizações foi dado voto decisivo.

«Noutros países, como a América, a Alemanha e a Tcheco-Eslováquia, onde os centros sindicais ainda não são favoráveis à Internacional de Moscóvia e ainda permanecem partidários da Internacional de Amesterdão, e onde só um pequeno número de núcleos adere a Moscóvia, êstes núcleos que são ainda incapazes de apresentar o número de membros que dizem representar, pretendem ter uma maioria de votos dentro das delegações dêsses países. Dizem que foram dados aos núcleos alemães os mesmos 16 votos decisivos que foram dados às grandes organizações da França e da Espanha. E, por tanto, opinião nossa, que o primeiro lugar não devia pertencer a êsses núcleos que, como o camarada Williams mostrou, se podem apresentar com duvidosos milhões de votos, mas sim às organizações que pelo seu passado, pela sua tática, pela luta de todos os dias que elas representam, sob o ponto de vista sindicalista, são uma verdadeira potência revolucionária.

«Nós declaramos que aos países como Azerbeidjân, Bukhara, Palestina, Índia, aqui representados, e cujo movimento sindical nós estamos impossibilitados de avaliar, não devia ser dado voto decisivo afim de que o proletariado ocidental que, mesmo concordando com as teorias marxistas, representaram durante muitos anos uma força revolucionária, podjam ter a possibilidade de definir a orientação que devia ser adotada pelas organizações filiadas na Internacional Sindicalista. E' esta a razão porque aqueles que assinaram esta declaração protestam contra o voto decisivo que foi dado aos países previamente mencionados aos quais

foram fornecidas bases com carácter e fôrça das suas organizações».

Volto a discutir a controvérsia do comité de credenciais explicando, tam resumidamente quanto possível, como os países foram agrupados por número de votos.

No primeiro grupo, tendo 16 votos, estavam a Alemanha, França, Inglaterra, Rússia, Estados- Unidos, Itália, Espanha, Polónia, a Galícia oriental e a Tcheco-Eslováquia.

No segundo grupo, com 12 votos cada, estavam a Austrália, Hungria, Bulgária, Iugo-Eslávia, Ucraina, Noruega, Austrália e Argentina.

No terceiro grupo, com 8 votos cada, estavam a Bélgica, Holanda, Suíça, Roumania, Irlanda (o delegado irlandês não compareceu), Canadá, México, Grécia, Suécia, Dinamarca, Finlândia, e a República do extremo oriente, Azerbeidjan.

No quarto grupo, com 4 votos cada, estavam países como a Latvia, a Coreia, a India, a Palestina e a Estónia.

Nos seguintes países só estavam representadas as minorias comunistas: Rússia, Itália, Polónia, Galícia oriental, Tcheco-Eslováquia, Austria, Hungria, Austrália, Bélgica, Suíça, Roumania, Grécia, Finlândia, Latvia, Coreia, India, Palestina e Estónia. Nos países, como os Estados- Unidos, Inglaterra, Alemanha e França e todos os outros não colocados por mim na classe dos que tinham minorias comunistas completas, essas delegações eram «controladas» pelos delegados comunistas, ou, noutras palavras, os comunistas tinham a maioria de votos. A Espanha foi o único país que não foi «controlado» pelas minorias comunistas.

## **O Partido Comunista dirige as Uniões Russas**

Mencionei a Rússia na classe dos países que só tinham minorias comunistas, porque é um facto fora de toda a contradição que as Uniões Russas estão completamente sob o control do Partido Comunista Russo. Os seus dirigentes são todos membros do par-

tido, não eleitos pelas organizações operárias, mas escolhidos pelo Comité Central do Partido Comunista da Rússia. Coloquei a Itália na mesma situação porque os delegados enviados pelas organizações sindicalistas desse país não apareceram em Moscóvia até ao fim do Congresso, e durante as sessões só um delegado esteve presente, representando as chamadas minorias comunistas nas uniões conservadoras da Itália. Os representantes destas uniões apareceram mas não participaram do Congresso; a Austrália também, porque nenhum dos delegados das organizações operárias chegou a tempo de tomar parte no congresso (os que tiveram assento no congresso foram admitidos como representantes de núcleos); a Finlândia porque os seus delegados tinham residência permanente na Rússia, eram todos comunistas e tinham estado na Finlândia por pouco tempo. Um destes delegados era Laukki, membro dos I. W. W. e um dos defensores de Chicago.

A delegação inglesa era absolutamente dominada pelos comunistas. Houve a pretensão de apresentar o velho movimento dos empregados de armazéns como espantalho a alguns delegados, mas todos sabiam que o movimento dos empregados de armazéns tinha sido liquidado no Partido Comunista da Inglaterra, com o resultado de que a organização tinha praticamente de todo desaparecido da acção: Um testemunho apropriado do que os políticos fazem dos movimentos!

E' tudo quanto há a dizer das delegações. Não é muito, mas é quanto um indivíduo delegado sabe de como elas foram organizadas. Todo o segredo escuro de qual a organização que cada indivíduo presente representava como delegado, de uma maneira documentada, está nas mãos dos dirigentes da Internacional Vermelha.

Houve diversos pontos de desacôrdo entre a maioria comunista e a minoria sindicalista do congresso. Reapareceram as velhas desinteligências que sempre tem existido, e talvez continuem a separar os aderentes da teoria política dos da teoria industrial, ainda que desta vez apareçam sob novos aspectos e com novos nomes, e se apresentem no cenário da Rússia revolucionária. A controvérsia foi tam áspera e irreconciliavel como dantes. Foi o

que fendeu a Primeira Internacional e tudo o mais.  
A questão, é ainda:

### A diferença básica

«O movimento industrial é, como arma ofensiva, suficiente para derrubar o capitalismo e estabelecer a Comunidade Industrial dos Trabalhadores, ou será necessária uma máquina política para desempenhar essas funções?»

Discussões sobre a «ditadura do proletariado, relações com a Internacional Comunista e a política de penetrar dentro dos sindicatos conservadores, tudo isto estava incluído na interpelação formulada.»

Havia uma corrente secreta manifestada contra a interpretação que Moscóvia dava à «ditadura do proletariado» entre o elemento sindicalista que se revelava pela insistência como descrevia assim a sua posição: «A ditadura do proletariado por meio das suas organizações económicas». A razão desta diferença é clara. A versão russa quer dizer supremacia do grupo político sobre o grupo industrial. A versão sindicalista quer dizer supremacia das organizações económicas sobre as organizações políticas. E tudo isto (falando claro) quer dizer que as duas ideias se não podem manter ao lado uma da outra. Qualquer delas deve desaparecer.

A questão das relações com a Internacional Comunista produziu também um grave conflito entre os elementos opostos. Segundo os elementos comunistas a Internacional Vermelha deve colocar-se a si própria sob a direcção da Terceira Internacional porque é a vanguarda combatente e inteligente da revolução. Os sindicalistas afirmam que a Internacional Vermelha deve ser absolutamente independente de qualquer grupo político, desembaraçada para seguir a sua própria política de criar organizações económicas revolucionárias para a construção da Sociedade Nova. Esta questão revelou também a inteira impossibilidade dum acôrdo, estando tam irritante hoje como se mostrou durante o congresso.

A questão de «penetrar nos velhos organismos sindicais» e abandonar a política de criar organizações revolucionárias exteriormente, independentes

dos sindicatos conservadores, foi a que levantou os mais vivos debates, que fez dividir o congresso em dois grupos irreconciliáveis sem esperança de chegarem a um acôrdo. A política de um querê dizer a morte da do outro. Em resumo, a política comunista querê dizer que todas as organizações independentes, de qualquer país, que se tenham oposto às grandes organizações conservadoras nas lutas do trabalho devem liquidar nas organizações conservadoras mantendo uma sistemática campanha para tomarem conta dessas uniões conservadoras. (Discutirei êste ponto mais tarde, juntamente com as relações com a Terceira Internacional). Os sindicalistas opuzeram-se enérgicamente a isso, baseando-se em que era impossível conquistar as uniões conservadoras, e, além disso, opuzeram-se também a se destruir a si próprios abandonando-se à acção dos políticos.

Havia só um resultado num congresso que se dividia em dois grupos tam distintos e em que os comunistas tinham a maioria nas sessões do congresso, tendo os sindicalistas, muito naturalmente, de realizar sessões exclusivamente suas. E durante os últimos dias do Congresso, como durante aqueles que se lhes seguiram, os delegados sindicalistas, inclusivê a minha pessoa, realizaram reuniões à noite, num hotel, esforçando-se por formular um programa e chegar a um entendimento comum, de como se devia fazer em face da sua situação desesperada e sem esperanças.

### **As minorias agitam-se**

A maioria dos delegados sindicalistas esforçavam-se em realizar reuniões das minorias pela extrema necessidade de definirem a sua situação. Mas enquanto a minoria dos sindicalistas hesitaram em se colocarem na opposição, foram forçados a, pelo menos, tentar pôr em cheque o que evidentemente era uma deliberada «sabotage» dos comunistas à formação duma Internacional económica. Foi quasi no fim do congresso que os sindicalistas pensaram em



se unir, realizando apenas duas reuniões antes de terminado o congresso, sendo algumas outras realizadas depois.

A situação em que os sindicalistas se colocaram era de molde a chamar as atenções. Os elementos comunistas no congresso, além de estarem inclinados a adoptar um programa que destruisse as mais pequenas organizações operárias revolucionárias e a colocar a Internacional Vermelha sob o domínio completo da Terceira Internacional, foram anunciando ao mundo de que no congresso prevalecia uma opinião unânime sobre todos os pontos em discussão. A única forma pela qual a opposição sindicalista se podia desembaraçar desta falsa posição era realizar conferências e definir o seu programa às várias organizações operárias revolucionárias do mundo.

Estas conferências não deram todos os resultados desejados, por muitas razões. Havia a dificuldade da língua, que tornou quasi impossível o compreenderem-se uns aos outros. Foi difícil arranjar tradutores e os poucos que havia nem sempre podiam comparecer. Bastantes vezes nos encontramos sem o auxílio do tradutor.

Além das dificuldades da língua havia uma divergência de opiniões entre os delegados, quanto ao caminho a seguir. Alguns (antes de terminado o congresso) eram a favor de um immediato abandono das sessões como protesto contra os métodos de «rôlo a vapor» do Partido Comunista. Argumentavam que era inutil ficar, assistindo a um debate sem esperanças, e sempre na presença de uma inevitável derrota. Outros defendiam o direito de assistir ao congresso e de se oporem à maioria comunista como uma minoria organizada. Mais tarde, depois do congresso, realizaram-se algumas conferências num desejo de chegar a um acôrdo antes dos delegados partirem, mas, enquanto se faziam algumas declarações para serem assinadas por todos, viu-se que era impossível chegar a um acôrdo para definir uma linha de acção. Sem dúvida que isto era natural, porque a participação nas conferências da minoria fóra das sessões regulares do congresso, era uma coisa imprevista e nenhum dos delegados sindicalistas tinham poderes para agir, em nome das organizações,

em casos desta natureza, e conseqüentemente nenhum delegado desejava expor-se a casos especiais. Declararei aqui que todos os delegados que tomaram parte nas conferências se opuseram rigorosamente às táticas e aos processos da maioria comunista. Toda a história das conferências da minoria com as suas muitas horas de debate, seria demasiado longa para lhe citar aqui os pequenos detalhes, além de que muita coisa não merece a pena publicar-se. O fim do congresso fez com que muitos dos delegados sindicalistas o abandonassem antes de qualquer coisa ser resolvida, deixando os restantes delegados ainda mais na incerteza quanto ao programa que definitivamente seria adoptado.

### Duas propostas

Considerando que todos os trabalhos do congresso, se basearam principalmente nas duas propostas seguintes:

Primeiro: «Renunciar inteiramente à I. S. V. como Internacional económica, por estar completamente sob o «contrôle» da Terceira Internacional, e publicar um convite para uma nova Internacional».

Segundo: «Sendo verdade que enquanto que o Primeiro Congresso da Internacional Vermelha era dominado pelos comunistas, não houve o correcto procedimento de abandonar a I. S. V. nem o esforço necessário para estabelecer uma nova Internacional; teria sido melhor ter permanecido no congresso e com uma bem organizada minoria lutar contra o «contrôle» da facção política».

Aqueles que aprovavam a segunda proposta argumentavam que dum tentativa para criar uma nova Internacional resultaria uma grande confusão na situação operária revolucionária que se manifestaria nas grandes controvérsias que ocasionariam perdas irreparáveis no movimento operário para internacionalizar o trabalho. Seria melhor, diziam os defensores da segunda proposta, ficar dentro da Internacional S. V., com o seu «contrôle» comunista e combatê-los ali em vez de se começar o longo período de organizar uma nova Internacional. Era tal a influência psicológica de Moscóvia sobre

os trabalhadores do mundo que uma opposição que se lhe fizesse não conseguiria apoio. Em suma, embora uma Internacional económica, livre de todo o «contrôle» político, se julgasse a coisa mais necessária, não se julgou oportuna a ocasião para iniciar novas Internacionais.

Aqueles que aprovavam a primeira proposta (incluindo eu) diziam que não havia utilidade sequer em experimentar combater a maioria comunista preponderante, ficando dentro da I. S. V., porque os comunistas assegurariam sempre o «contrôle» pelo simples expediente de arranjar maior número de delegados do que os sindicalistas podiam apresentar. Enquanto Moscovia seja o lugar onde os congressos se reúnem e onde fique a sede principal da Internacional Vermelha, eles dominarão os congressos. Então, em vista da situação, seria inútil supôr que a maioria do congresso se decidiria por uma discussão de princípios. Aqueles que eram «controlados» pela mecânica do congresso «controlariam» as suas deliberações. E, quanto à criação duma nova Internacional, é certo que aqueles que entendessem ficar na I. S. V. e obedecer aos seus mandatos cortariam a própria garganta deixando-se absorver pelos sindicatos conservadores dos seus respectivos países (o que com certeza não desejam fazer) vendendo-se mais tarde na necessidade de sair de qualquer forma. Desta maneira, é óbvio que era necessária uma nova Internacional para ao menos conservar a autonomia das organizações existentes, não falando na impossibilidade de entregarem o «contrôle» de todas as organizações operárias revolucionárias nas mãos de uma facção política.

Aqueles que defendiam a segunda proposta eram na maior parte delegados das grandes organizações sindicais, como da Espanha, da França e da Itália. (Os delegados italianos das organizações sindicalistas da Itália, chegaram a Moscovia depois de encerrado o congresso). A sua opinião sobre o programa comunista era que os não poderiam forçar a liquidar numa união conservadora por causa das condições peculiares aos seus respectivos países. Na Espanha, os sindicalistas, ainda que forçados actualmente a trabalhar secretamente, constituíam a maior e mais poderosa organização do país, e portanto a

atitude comunista, como, por exemplo, a que tinham para com os I. W. W. ou para com as mais pequenas uniões alemãs, não lhes poderia ser aplicada a êles. Enquanto à França, a situação era também diferente. Os sindicalistas estavam já ali organizados em minoria na C. G. T. e estavam ligados de perto com os comunistas numa luta acesa para tomarem conta dessa organização. Na Itália, embora exista uma poderosa organização conservadora, os sindicalistas estão tam fortes que contam perto de 700.000 membros. São suficientemente fortes para que tenham de prestar atenção à política de adesão aos sindicatos conservadores. E, com efeito, os comunistas prosseguem, alheios a qualquer discussão sôbre política operária referente à Italia.

A situação na Itália, na França e na Espanha apresentava-se de tal forma que tomaram parte no Congresso preocupados apenas com um problema:

— Era a questão da dominação política sôbre a I. S. V. Os seus mandatos, porém, exigiam uma Internacional livre de toda a influência política. E foi sob êste ponto de vista que defenderam a segunda proposta.

Os defensores da primeira proposta fôram os delegados das mais pequenas uniões sindicais alemãs, suecas, norueguesas, holandesas, americanas, etc., e, como já afirmei, a sua situação foi determinada por mais do que por uma simples consideração sob a ligação com um partido político, foi-o também sob o ponto de vista da própria conservação.

Os comunistas, sem dúvida, conhecedores da situação que acima expliquei, com verdadeira tática política, começaram por minar e desagregar a facção sindicalista. Emissários persuasivos estranhos às uniões sindicais fôram postos a trabalhar como delegados espanhóis, franceses e italianos.

### **A situação dos hespanhois**

A situação dos delegados espanhóis era especial e por isso merece duas palavras de explicação. As uniões sindicais espanholas mantem uma luta de morte com as fôrças reaccionárias dêsse país e como consequência são forçadas a trabalhar secretamente.

E' impossível aos membros das uniões sindicais es-  
panholas realizar reuniões, ou, como organismo re-  
presentativo, reunir e reconhecer de qualquer forma  
a Internacional Vermelha.

E' também impossível aos delegados espanhóis que  
estiverem presentes no congresso da I. V. voltar para  
Espanha e apresentar relatório a alguém com receio  
de serem presos. E até hoje, dois deles, Arlandis e  
Nine, ainda não voltaram ao seu país. Ainda neste  
caso os comunistas exploraram a situação para favo-  
recerem os seus projectos duma maneira caracteris-  
tica. Um misterioso comité de qualquer parte de Es-  
panha mandou a sua aprovação (pelo menos assim  
se dizia nos meios comunistas) à I. S. V., e apresen-  
ta-se essa aprovação como sendo de todo o movi-  
mento sindicalista espanhol. Alguns dos delegados  
espanhóis que encontrei em Berlim afirmaram que  
esse tal desconhecido comité não tinha poderes para  
agir como dizem ter agido e não passar de um plano  
para atingir os sindicalistas da Europa. Isto parece  
lógico em vista do simples facto de não ter chegado  
a Espanha o relatório dos delegados.

Os delegados franceses hesitaram um pouco e os  
italianos mantiveram-se firmes. A sua evidente inten-  
ção era captar os delegados espanhóis, franceses e  
italianos, forçando depois os restantes delegados ao  
abandono das suas posições. Mas as suas tentativas  
sem tática, qualquer que fôsse o resultado, deviam  
ainda sujeitá-los ao exame microscópico dos traba-  
lhadores de todo o mundo, porque nada tem que  
opôr-lhe.

De todas as conferências resultaram três declara-  
ções, todas variando de opinião, mas que, apesar  
disso, era tudo quanto se podia esperar nessa oca-  
sião. Ofereço a este respeito uma moção apresentada  
pelas uniões alemãs, e lida com grande indignação  
por Losovsky, como se fôsse uma grande traição  
pensar ou ter pontos de vista differentes dos dele.  
Esta moção dos alemães era assinada só por elles, e  
é interessante transcrevê-la só porque mostra a ati-  
tude dos delegados alemães manifestada antes de sa-  
berem quem concordava com a proposta e antes de  
se ter realizado qualquer das conferências dos sindi-  
calistas.

## A declaração alemã

«Aos representantes das organizações revolucionárias independentes, de todos os países, ao primeiro Congresso da Internacional Sindical Vermelha, que foram forçados a ficar em minoria.

«Camaradas: «As uniões revolucionárias de todo o mundo encontram-se à mercê duma minoria inverificável, dependente, vinda das uniões filiadas em Amesterdão, tanto ideológica como organicamente, e que agora constitue a maioria do congresso.

«Todas as decisões até aqui tomadas pelo congresso teem sido feitas às ordens desses grupos de minorias (comunistas). Todas as resoluções que se tomarem serão, naturalmente, do mesmo carácter.

«As nossas organizações teem assim já sido privadas dos seus direitos dentro desta Internacional. Estamos sujeitos não só à ordem de Terceira Internacional como também à ordem daqueles que com as suas finanças e o seu número constituem e fortalecem a influência da Internacional de Amesterdão.

«Esta sujeição importa, nada mais nada menos, do que a entrega da independência das nossas organizações a um grande Estado-Maior. Exige-se até que as nossas organizações revolucionárias cavem a sua própria sepultura.

«Julgamos necessário protestar bem enérgicamente, numa falange cerrada, contra tais desígnios.

«O bem estar do movimento operário internacional não requer uma Internacional composta de núcleos e de grupos, mas uma Internacional de organizações com independência própria.

«No caso em que a revolução não fôsse aqui servida pela nossa oposição sem resultado e desde que outra Internacional agrupando as uniões independentes fora da Internacional Sindical Vermelha importasse um novo enfraquecimento do movimento operário, nós não procederíamos desta forma sem que antes tivéssemos esgotado

todos os meios para exercer a nossa influência contra o carácter actual da I. S. V. e também porque é uma farça o facto dessa I. V. ser dominada por grupos isolados.

«Por tanto, resolve-se que:

«As uniões que constituem a opposição neste congresso formem um grupo, unido, dentro da I. S. V., com o fim de trabalharem de acôrdo, na mais estreita solidariedade, no caso dos dirigentes da I. S. V. expulsarem um ou outro das organizações que defendem estes pontos de vista ou doutra forma exerçam o seu poder.

«A intenção e fim da nossa opposição deve ser transtormar a ficticia I. S. V. numa verdadeira Internacional, combater contra todo o reformismo, oportunismo e outras tendências inimigas do movimento e preparar-nos para o seu carácter revolucionário prático.

«Para o bem estar do movimento operário de todo o mundo, nós convidamos todos os delegados a trabalhar connosco.

«Freie Arbeiter Union (Felsenkirchen), Allgemeine Arbeiterunion Deutschlands, Deutscher Schiffahrtsbund. Moscóvia, 14 de Julho de 1921».

Havia três outras resoluções apresentadas pela minoria nas conferências, das quais eu tenho duas que reproduzirei neste relatório. A que abaixo se segue foi a última aprovada e foi a última assinada pela maioria dos delegados que assistiram às conferências. Foi apresentada por um francês e traduzida dêsse idioma. É de natureza um tanto ambígua e não tão forte e definida como as antecedentes que afirmavam a sua resistência contra a Terceira Internacioal.

Essa resolução era como segue:

## **Apêlo aos sindicalistas revolucionários de todo o mundo**

«Reunidos em Moscóvia, depois do encerramento do congresso Internacional Vermelho, nós, representantes da minoria sindicalista re-

volucionária, concordamos formar a ala esquerda do movimento operário, organizado nos princípios sindicalistas. A necessidade de tal acção é evidente e torna-se imperativa por numerosas razões que faremos por explicar com toda a franquesa.

«O mundo, sacudido nos seus alicerces por factores económicos e políticos, está passando actualmente por um dos momentos mais críticos. Como um condenado à morte que loucamente se agarra à vida, o capitalismo faz esforços desesperados para prolongar a sua existência. Em todos os países do mundo, o proletariado se está tornando cada vez mais consciente dos seus direitos e a começar a realizar a sua missão histórica. O fim do século 19 presenciou o milagroso desenvolvimento do capitalismo, que, graças ao sucesso industrial, concentrou centenas de milhares, mesmo milhões de trabalhadores nas suas organizações de classe, nos sindicatos. As velhas formas de luta, a luta de partidos políticos, provou por si mesma ser insuficiente na proporção do desenvolvimento industrial crescente dia a dia; tornou-se mesmo ocular, às massas trabalhadoras, que deviam organizar-se nos seus próprios organismos operários, os sindicatos. O começo do século 20 presenciou o desenvolvimento desse movimento de classe, que, cada vez mais claramente, começou a realizar a sua missão económica e política. Este movimento de classe desenvolve-se além dos limites dum puro e simples unionismo; muitos sindicatos são transformados em organizações operárias de combate pretendendo abolir o sistema do salariato. Tornou-se isso o seu sistema económico e a introdução do comunismo a sua aspiração política.

«Daqui resulta o antagonismo entre as velhas formas políticas e o movimento da classe trabalhadora que, por isso, se está desenvolvendo nas organizações operárias, isto é, nos sindicatos. Os conflitos que se manifestaram na Primeira Internacional no campo ideológico, estão agora transferidos para o campo dos factos, por causa do desenvolvimento industrial. Não desejando



interferir de maneira nenhuma na liberdade de qualquer individuo organizar grupos políticos, nem na liberdade de acção de qualquer partido, exigimos o igual e justo direito de nos organizarmos sob a concepção sindicalista, nas nossas organizações de classe. Exigimos o reconhecimento do direito destas organizações prosseguirem na sua luta para a dupla aspiração: completa libertação económica e politica, pela ditadura do proletariado, durante o período de transição, como já está sendo exercida pelos partidos políticos. Abandonámos a Internacional de Amesterdão e combatemos contra ella pela simples razão da sua cooperação de classes, que em si é a negação do nosso programa; e também porque ali dominam os partidos políticos procurando, como sempre, sujeitar a elles a classe trabalhadora. São estas as causas porque nos juntamos em volta do estandarte vermelho de Moscovia, simbolo da revolução proletária que tem sido sempre o seu objectivo final.

«Mas em Moscovia nós encontramos de novo a tendência dos partidos políticos, e por mais elevadas e nobres que sejam as suas intenções em comparação com a social democracia de Amesterdão, é também inteiramente incorrecto não se devendo permitir que tendências politicas assegurem para si uma exclusiva hegemonia sobre as organizações operárias de combate que saíram das próprias massas e tem sido criadas por ellas.

«Considerando tais pretensões não só teóricamente injustas e pratimente de nenhuma confiança mas também fatais para os melhores interesses da classe trabalhadora que só por si pode assegurar a sua emancipação, achamos necessário assentar a nova Internacional Operária Vermelha nas bases deste principio do sindicalismo revolucionário. O nosso desejo é combater enérgicamente sob estes principios pelos interesses da classe trabalhadora contra qualquer tentativa de domínio por qualquer partido politico, sejam embora tidos como os melhores.

«A classe trabalhadora, organizada sindicalmente, considera-se inteiramente capaz de dirigir os seus próprios negócios; e declara que conhece os seus interesses e que será capaz de zelosamente guardar a sua independência e a sua autonomia.

«O nosso trabalho e as nossas táticas na Sindical Operária Vermelha devem consistir em defender constante e enérgicamente, no espírito indicado, os princípios básicos do sindicalismo revolucionário e em combater por todas as formas todas as tentativas de perversão destes princípios.

«Com este fim e estas aspirações em vista, nós constituímos a Associação de todos os elementos sindicalistas revolucionários do mundo, representados pelas seguintes agrupações:

«União Sindicalista Italiana—700.000 aderentes.

«Confederação Nacional de Espanha—900.000 aderentes.

«Confederação Sindicalista Revolucionária da França—400.000 aderentes.

«I. W. W. da América—75.000 aderentes.

«Organização Operária Central da Suécia—35.000 aderentes.

«União Operária Geral, da Alemanha—100.000 aderentes.

«União Operária Livre, do Gelsenkirchen—150.000 aderentes.

«Associação Livre dos Trabalhadores do Campo—30.000 aderentes.

«Associação dos Trabalhadores Manuais e Intelectuais—13.500 aderentes.

«Trabalhadores Marítimos da Alemanha—6.000 aderentes.

«Associação Federalista da Dinamarca—10.000 aderentes.

«Federação dos Trabalhadores da Argentina e do Uruguay—300.000 aderentes.

«Central Operária Nacional, da Holanda—40.000 aderentes.

«Federação Sindicalista da Noruega—2.000 aderentes.

«Canadá—13.000 aderentes.

«Foi criado um «Bureau» cuja sede principal será em Paris, e eleitos os respectivos secretários.

«A sua função será servir como laço de união entre as organizações acima indicadas; para a troca de informações; para tomar a iniciativa de preparar conferências ou congressos; organizar enérgica propaganda em todos os países envolvidos nas bases dêste manifesto.»

Darei a seguir a primeira resolução aprovada e que só agora foi por mim recebida. Sofreu o mesmo processo de ser traduzida duas vezes, do francês para o sueco e desta língua para o inglês, pelo que perdeu algum do seu tom original. É de notar que, nestas resoluções aprovadas pelos sindicalistas há uma atitude muito tolerante perante uma situação que exigia acção decisiva. Já antes eu tinha exposto que as opiniões divergiam entre os sindicalistas e portanto era natural que aqueles que preparavam as resoluções, tendo isso na mente, fariam por agradar a toda a gente. Deve então também compreender-se que muito poucos dos que assinavam as resoluções sabiam com exactidão o que elas continham. Uma resolução escrita em francês, por exemplo, seria apenas inteligível para os delegados franceses, e os outros saberiam apenas de um modo geral o que essa resolução continha. As redigidas em alemão ou inglês apresentariam as mesmas dificuldades para os que não podessem ler essas línguas e conseqüentemente a ambigüidade das resoluções aqui reproduzidas devem ser consideradas sob esse ponto de vista. Nenhuma delas, contudo, difere na sua opposição contra a dominação política.

### **Manifesto sindicalista**

A seguinte resolução foi igualmente assinada por todos os presentes:

#### *Manifesto dos sindicalistas revolucionários do Mundo.*

«Depois do congresso da Internacional Sindical Vermelha, nós, sindicalistas revolucionários, como minoria dêsse congresso, achamos necessária a realização duma conferência, a fim de reunir sob a plataforma do sindicalismo revolucionário, o movimento operário económico organizado, que é uma parte da I. S. V. ou que lhes pertence em princípio.

«Ainda que uma minoria no congresso constituinte da I. S. V., a respeito de uma representação que se afasta das verdadeiras formas de representação para um movimento sindical, nós desejamos afirmar a nossa crença, devido ao espírito que actua em nós e à forma das organizações que representamos, de que o verdadeiro poder dos trabalhadores e a sua expressão activa são as verdadeiras organizações económicas viventes, pelas quais, só, a I. S. V. se tornará o que deve ser: um poder activo do presente.

«Sem desejar amesquinhar o poder e o prestigio da Internacional Comunista em referência aos partidos que a compõem, tenho a mais profunda convicção de que o poder e o prestigio da I. S. V. não aumentará, mas, pelo contrário, diminuirá se continuar sob a influência moral da Terceira Internacional ou a ela subordinada. Em parte por estas razões, em parte por outras que eu explicarei francamente, é absolutamente necessário que criemos uma organização de defesa dos elementos a dentro — e, n'alguns momentos, mesmo dos de fora — da I. S. V., a fim de combater pela completa independência e completa autonomia, alheios a qualquer organização política.

«A consciência da nossa missão histórica diz-nos, e a consciência da nossa capacidade para a sua execução na Europa Ocidental e na América o confirma, que só a organização económica dos trabalhadores sobreviverá ao capitalismo, que só eles poderão realizar uma verdadeira revolução social, podem definitivamente organizar uma nova sociedade, baseada nos produtores, por meio da ditadura do proletariado, que tem a sua base nos sindicatos.

«São estas as causas.

«O mundo agitado por convulsões económicas e políticas, encaminha-se para uma das mais sérias crises. Com a energia selvagem de uma pessoa agonizante que se agarra á vida, o capitalismo faz desesperados esforços para prolongar a sua existência. Em todos os países o proletariado se levanta, cada vez com mais

consciência dos seus direitos e da missão histórica que tem a desempenhar. O século 19 assistiu a um desenvolvimento tremendo do capitalismo que, em contacto directo com o desenvolvimento industrial, reuniu centos de milhares e milhões de trabalhadores em organizações de classe, nos sindicatos.

As velhas fórmulas de luta, as lutas de partido, já então provaram ser insuficientes, e, como a luta de classes se tornou mais acentuada devido ao rápido desenvolvimento industrial, a necessidade levou a classe trabalhadora a formar o seu partido, na sua própria organização, o movimento sindical. O século 20 viu esta forma de luta de classe aumentar e tornar-se conscienciosa do seu poder, da sua missão económica e política, cada vez se encaminhando mais para as organizações de indústrias e assim os sindicatos foram transformados numa organização militante para a abolição da escravidão do salário e para a realização do Comunismo. Neste facto vemos nós um antagonismo entre as formas antiquadas da velha política e o movimento operário que está organizado em organizações de classe, isto é, em sindicatos. A oposição da Primeira Internacional, enquanto apenas desejou manifestar-se no campo ideológico, encontra-se hoje transferida para o campo da realidade, devido ao desenvolvimento económico. Sem de qualquer maneira desejar usurpar as liberdades daqueles que se agruparam em partidos políticos ou negar a completa liberdade de movimento desses partidos, exigimos para nós o não menos inviolável direito de nos constituirmos como uniões operárias de acordo com as exigências da vida económica.

Nas nossas organizações de classe e por meio delas conduzimos a nossa luta pela realização do nosso duplo fim: completa emancipação económica e política, pela organização, durante o período de transição, da ditadura do proletariado inteiramente expressa e exercida pelas organizações económicas.

«Quando abandonámos e combatemos Amsterdão, não foi apenas porque encontrámos ali

expresso o princípio da cooperação de classes, que é uma negação da nossa missão histórica e do nosso programa, mas também por causa da influência dominante dos partidos políticos, que também tem estado anciosos por subjugar a classe trabalhadora. E' exactamente por esta dupla razão que nós nos reunimos em volta do estandarte vermelho de Moscóvia, que simboliza a revolução proletária, que sempre tem sido a nossa aspiração final. Mas em Moscóvia podemos ainda apontar a existência das mesmas tendências dos partidos políticos para um fim, que pode ser mais nobre e mais elevado do que aquele porque se empenham os social-democratas de Amesterdão, mas que, não obstante, permanece aos nossos olhos fundamentalmente prejudicial e inaceitável, principalmente a conquista de uma indisputável hegemonia sôbre as organizações de combate formadas a dentro e pelas classes trabalhadoras.

Considerando que os resultados práticos de tais pretensões — além de ser impossível para uma desculpa teórica — seria fatal para a classe trabalhadora, que, na realidade, é só por si capaz de alcançar a sua emancipação, achamos necessário unirmo-nos baseando-nos no sindicalismo revolucionário, mas dentro da estrutura da Internacional Sindical Vermelha, com o fim de combater resolutamente neste campo e defendendo os interesses fundamentais da classe trabalhadora contra qualquer usurpação dos partidos políticos, ainda que esses partidos possam ser dos melhores.

A classe trabalhadora organizada no campo económico, apercebendo-se da época que passa, proclama que se basta a si própria, e guarda zelosamente a sua independência e a sua autonomia. Mas para executar o grande trabalho que hoje sente ser chamada a desempenhar, consente aliar-se a qualquer partido político, e, de resto, com qualquer grupo filosófico que se declare pronto a trabalhar duma forma revolucionária. O nosso trabalho e as nossas táticas dentro e fora da I. S. V. consistem em defender, em todas as ocasiões e com energia, no espírito acima

expresso, os princípios fundamentais do sindicalismo revolucionário, e combater passo a passo tôdas as deformações a que experimentam sujeitá-lo. Para êsse fim temos de refinar todos os elementos sindicalistas revolucionários a dentro da I. S. V., representados pelas seguintes organizações :

«I. W. W., G. Williams; União Sindicalista Italiana, Duilio Mari; U. A. A. da Alemanha, Bartells; Frei Land Arbeiter e a União dos Marinheiros alemães, Otto Rieger; Confederação Nacional do Trabalho, de Espanha, Joaquín Maurin; União Sindicalistas da Noruega, da Suécia e da Dinamarca, Frans Severin; Federação Regional do Trabalho da Argentina e do Uruguai, Tom Barker; Comité Sindicalista Revolucionário da França, Michel Relenque.

«Confiámos à União Sindicalista Italiana a tarefa de assegurar as relações entre todos êsses elementos e de tomar a iniciativa da convocação e organização dum conferência e de uma propaganda enérgica baseada neste manifesto e nos respectivos países.

«Adoptado pelo Secretariado do Bureau Constituinte.»

A discussão sôbre as conferências sindicalistas podem ser em parte reduzidas da seguinte maneira, desde que as seguintes considerações não são senão o resultado natural desta situação. O facto dessas conferências sindicalistas se terem realizado imediatamente deu origem a estas duas perguntas :

## ¿ Qual a Teoria que tem Razão ?

1) Sôbre o ponto de vista dos I. W. W., ¿ o que havia de mal no congresso da I. S. V. para que os sindicalistas se separassem dos outros elementos do congresso?

2) Se êsses dois grupos estão divididos por diferenças fundamentais, ¿ qual a medida de razão e de sem razão que pôde ser aplicada, sob o ponto de vista revolucionário, à disputa feita pelos trabalhadores por todo o mundo? Ou a teoria política comunista

ou a teoria industrial tem razão. Deve-se optar por uma das duas.

Na minha opinião a teoria industrialista é de tôdas a mais fortalecida, pelo simples facto de um tam grande número de delegados sindicalistas ter ido até à Rússia; penetraram até ao fundo da situação; estudaram de perto a revolução russa, combateram, na própria Moscóvia, a própria teoria que domina a revolução russa no seu estágio actual, isto é, a teoria política dos comunistas. Se a revolução russa é o critério em que os comunistas baseiam a sua teoria, então elles traíram os próprios argumentos por não terem na Rússia um simples facto que pudesse ser aproveitado para refutar a teoria industrial (I. W. W.). Portanto não vale nada que acusem a teoria industrialista por, tam veementemente em Moscóvia como nos países industriais, ter provado que nenhuma organização económica pode jámais aceitar ser dominada por um partido político não importa com que distarce revolucionário se apresentem. Tenho a feliz recordação de ter ouvido de dezenas de trabalhadores, durante a minha estada na Rússia, muitos d'elles antigos membros dos I. W. W. na Inglaterra e na América, e também, quasi tôdos elles na Rússia depois dos primeiros dias da revolução, que, pela sua experiência na Rússia, a posição dos I. W. W. lhes pareceu correcta.

Devotei mais atenção às conferências do que poderia parecer necessário, mas decidi-me a isso não porque houvesse qualquer coisa de importância ligada aos resultados, mas só para dar aos membros dos I. W. W. uma idea das tendências que prevaleceram no congresso, e tendo isto de memória possam mais facilmente interpretar os resultados finais do Congresso da Internacional Vermelha, e também para mostrar que a opposição ao domínio da seita política foi acentuada e não confinada só à minha pessoa. Tôdas as organizações sindicalistas revolucionárias exigiram uma Internacional económica independente. Não o conseguiram. Isso, creio eu, provou-se já, não sendo necessário dizer mais nada. Já mostrei que a seisão entre as duas facções estava decidida. As conferências da minoria, portanto, foram, à parte a sua boa intenção, indicando a linha indelevel de demarcação que separou os dois grupos. Além



disso eu creio que lançou os alicerces para uma Internacional honesta e de bondade, porque agora sabemos onde cada um se encontra no movimento operário revolucionário em face dos partidos políticos.

### «Resoluções e Decisões»

Passo agora a tratar de uma discussão das «Resoluções e Decisões» adoptadas no Primeiro Congresso da Internacional Vermelha. São notavelmente poucas para um tam importante congresso, sendo também extranhamente desprovidas de qualquer coisa que podesse ser tomada como alicerces fundamentais para uma tam grande empresa como é uma Internacional das Uniões Revolucionárias. Parece-me, com efeito, que tôdas as resoluções não passam de tolas tiradas contra os dirigentes de Amesterdão e contra os dirigentes dos vários sindicatos conservares nos diferentes países. Mas se isso não revela nada de importância para a fundação duma Internacional económica dá pelo menos uma boa concepção dos motivos dos autores de cada resolução. Mesmo um estudo superficial dessas «Resoluções e Decisões» mostrarão que só um pensamento dominava qualquer das sentenças impressas: *Poder. «Abaixo os dirigentes de Amesterdão», «Fora com os Gomper», os Jouhauxs, os Tomás, capturem os suas uniões e trãgamo-las a Moscóvia», Voltem-nas para nós e então nós as conduziremos à vitória»,* como se a eliminação de alguns dirigentes particulares fôsse o único problema confrontando os trabalhadores. E' outra vez a velha filosofia dos insófridos dirigentes.

Para se ter uma boa idea da psicologia que dominava os comunistas que «controlavam» a Internacional Vermelha, o Manifesto do Congresso aos trabalhadores do mundo é uma tam boa bitola como qualquer outra. Mas, ¿o que diz êle? Começa pela «guerra criminosa» e toca em todos os males que, sob o sol, são sofridos pela classe trabalhadora, preparando aparentemente o leitor para uma solução de todo o problema. E pergunta então no meio do artigo:

«Que se deve fazer?»

Aparentemente quanto o autor podia pensar, ou,

pelo menos, tudo quanto pude imaginar, se encontra nos seguintes extractos:

«O que fazem os *dirigentes de Amesterdão?*»... Que o indignado grito do proletariado seja o desafio do santo e sanha: *abaixo com a Internacional amarela de Amesterdão!*... «Afastem-se dos *dirigentes amarelos traidores* que vendem a causa da classe trabalhadora». «Uma nova época de lutas gloriosas começará, quando o proletariado se tornar digno de *melhores dirigentes* do que os lazarentos de Amesterdão». (Reparem nisto!)—«Os novos dirigentes saberão como defender as trincheiras do proletariado e tomarão a ofensiva».

Nem uma palavra aqui que indique outra coisa que não seja uma mudança de dirigentes. De certo que a questão de expulsar os dirigentes amarelos das «uniões amarelas» sugere novos dirigentes e quem imaginaria ainda que qualquer comunista seria tam imodesto que se ofereceria para conduzir os trabalhadores à liberdade económica? Faça esta pergunta para benefício daqueles que talvez nunca tenham apreciado as qualidades directivas que existem em Moscóvia e lhe são peculiares. Sim, Moscóvia tem dirigentes para qualquer espécie de uniões, desde as uniões que não existem até aquelas que estejam para formar-se. Em suma, um provimento completo para o officio de dirigentes existe em Moscóvia, e só espera pelas organizações necessárias às quais se possam ligar êstes provados dirigentes. É naturalmente, em tôdas as outras teses, «Resoluções ou Decisões», esta idea dominante, «direcção», é a base de tôdas as discussões. Repete-se de vez em quando em todos os artigos até que a leitura de tais «teses» se torna um estudo monótono de frases repetidas. Todos os membros dos I. W. W. deviam obter uma cópia dessas «Resoluções e Decisões», se possível. E' um estudo de um dogma delapidado de direcção pura, mas salpicado com uma nova e leve demão de tinta encarnada.

Houve só três assuntos adoptados pelo congresso que aqui merecem alguma consideração: «A questão de táticas», «Resolução sôbre a Questão de Relações entre a Internacional Sindical Vermelha e a Internacional Comunista», e a «Constituição». Houve ainda outras coisas que mereceram atenção,

mas que tratavam de assuntos fracos e por isso não teem importância para ninguém senão para o autor, que talvez fôsse expulso por exercer ambiguamente o seu talento peculiar. Não é minha intenção tornar-me cómico sôbre um assunto sério, mesmo porque se devem contrariar tiradas sanguinárias de um espirito enfraquecido, doutra maneira tomar-se-ia a questão dos dirigentes operários conservadores tam gèriamente que se seria levado ao argumento de se elles deviam ser dinamitados ou metidos ao alcance duma metralhadora.

A nossa única consideração aqui é a mecânica que foi montada para criar e produzir a Internacional Vermelha (sob o ponto de vista dos I. W. W.).

## Relações com a Internacional Comunista

As «Resoluções sôbre as Relações com a Internacional Comunista» são um tanto confusas porque nada dizem acêrca das actuais relações dêstes dois organismos. Mas na «Constituição da Internacional Vermelha das Uniões Trabalhadoras» está regulado êste ponto. Sendo êste o caso eu só o reproduzirei aqui com o pedido aos meus co-associados para que cuidadosamente estudem o último parágrafo acêrca do «Contacto entre as Uniões Operárias Vermelhas e os Partidos Comunistas».

**«Resolução sôbre a Questão de Relações entre a Internacional Sindical Vermelha e a Internacional Comunista.»**

«(Extraído do relatório dos camaradas Rosmer e Tom Mann).»

«Considerando que a luta entre o trabalho e o capital em todos os países capitalistas assumiu, como resultado da guerra mundial e da crise, um carácter excepcionalmente agudo, implacável e decisivo;

«Considerando que no processo de luta de todos os dias as massas trabalhadoras observam ainda mais claramente a necessidade de expulsar a burguesia da administração da indústria e, conseqüentemente, do poder político;

«Considerando que o resultado acima só pode

ser obtido pelo estabelecimento da ditadura do proletariado e do sistema comunista;

«Considerando que na luta para conservar a ditadura burguesa, tôdas as classes dirigentes capitalistas foram já bem sucedidas em consolidar e concentrar num grau elevado as suas organizações nacionais e internacionais, tanto políticas como económicas, numa frente sólida de tôdas as forças burguesas, tanto defensivas como ofensivas contra o movimento do proletariado;

«Considerando que a lógica da moderna luta de classes exige a maior consolidação das forças proletarianas e a luta revolucionária e consequentemente quer dizer que deve haver o mais estreito contacto e ligação orgânica entre as diferentes formas do movimento operário revolucionário e sobretudo entre a Terceira Internacional Comunista e a Internacional Sindical Vermelha, sendo também para desejar que todos os esforços se façam, no meio nacional, para o estabelecimento de relações similares entre os partidos comunistas e a Internacional Vermelha das Uniões Operárias;

«Portanto o Congresso resolve:

«1). Fazer o necessário para reunir da maneira mais enérgica tôdas as uniões operárias numa organização de combate comum, com um centro internacional directo — a Internacional Vermelha das Uniões Operárias.

«2). Estabelecer o contacto mais estreito possível com a Terceira Internacional Comunista como vanguarda do movimento operário revolucionário em tôdas as partes do mundo, sobre as bases de representação comum tanto nos Comités Executivos, como nas conferências, etc.

«3). Que a ligação acima citada tenha um carácter orgânico e de trabalho e seja expressa na preparação comum de acção pre-revolucionária e na maneira concertada em que ela pode ser conduzida nacional e internacionalmente.

«4). Que é imperativo para todos os países esforçarem-se por unir as organizações das uniões operárias revolucionárias, estabelecendo o mais estreito contacto entre as uniões operá-

rias vermelhas e os partidos comunistas para defender as decisões de ambos os congressos».

Houve uma resolução sobre a questão italiana cuja discussão tomou as sessões de dois dias. O ponto principal da questão é que os dirigentes da Confederação Geral do Trabalho em Itália (a união conservadora que aderiu a Amesterdão e que não deve ser confundida com a união sindicalista) tinham uma vez prometido aderir à Internacional Vermelha mas permanecendo ainda de fora. A resolução da chamada questão italiana era portanto uma condenação dos dirigentes das uniões conservadoras italianas pela sua aparente duplicidade. Segundo o tempo tomado ela devia considerar-se como a mais importante das questões, pois tomou justamente o dobro do tempo a resolver esta disputa do que a tomar outras resoluções.

### Resoluções sobre Organização

As «Resoluções sobre Organização» foram o assunto que às facções opostas no Congresso proporcionou os mais quentes debates. Esta resolução compreendia a teoria de «minar por dentro», política em que os comunistas têm fundas esperanças para capturar as uniões operárias conservadoras. Toda a filosofia de «minar por dentro» nasceu dum desejo: direcção e poder.

Tirem a ideia de dominar todas as uniões operárias dum centro em Moscóvia e toda a teoria cai tam baixa e raze como uma bolacha. E' também desta filosofia de direcção que nasce o extremo antagonismo para com os sindicalistas e para com os I. W. W. Losovsky indica isto claramente nas suas teses sobre «Táticas», quando diz: *«Por outro lado nós encontramos no sindicalismo o principio de independência e de neutralidade para com todos os partidos políticos, incluindo o partido político do proletariado».*

Eu creio que isto explica tudo acerca do «minar por dentro». As teses sobre «Táticas» não dão outra impressão do que essa função principal de «minar por dentro» seja a de desapossar os velhos diri-

gentes. Losovsky, diz no parágrafo 24 das «Teses sobre Táticas», falando das uniões operárias inglesas:

«O problema sob tais condições não é arrancar indivíduos proeminentes de entre as massas de trabalhadores e das uniões com o fim de criar certas organizações extra-uniões, mas ver que todos os elementos activos, revolucionários, conscienciosos, devam trabalhar orgânicamente no mais denso das massas trabalhadoras; nas fábricas e nas oficinas, dirigindo as posições no movimento de união operária dum extremo ao outro»

«E' uma perda de tempo e de espaço tentar um detalhado exame da teoria de minar por dentro, os seus promulgadores avançaram-na evidentemente com o seu ponto de vista russo, e, além disso, porque, sobre o assunto pouco sabem acerca das condições na América, ou doutro qualquer país. Medindo porém isto sob o ponto de vista de conseguir a direcção das uniões conservadoras, facilmente se vêem as razões da sua existência. Procurei tudo o publicado sobre este assunto pelos táticos comunistas e ainda não encontrei um plano comprehensivo que defina um programa completo para esta teoria. O que segue, extraído das teses sobre «Organização», por Losovsky, e que eu saiba existir, é o que diz mais alguma coisa sobre o assunto:

#### **IV. A Conquista dos Velhos Sindicatos**

(12). A parte contra-revolucionária desempenhada, presentemente, pela burocracia dos sindicatos; o estrangulamento do movimento revolucionário da classe trabalhadora despertou em certas secções do proletariado revolucionário de todos os países o pensamento de abandonar as uniões e a criação de novas uniões, puramente revolucionárias. E' esta a origem das senhas e santos «destruir as uniões» e «fora das uniões» que encontraram uma recepção um tanto favorável entre essa secção dos elementos revolu-

cionários que estavam um tanto desesperados e de modos pessimistas, havendo perdido a confiança nas massas. Esta política de sair das uniões, dos elementos revolucionários, graças à qual as grandes massas são abandonadas à influência da classe trabalhadora, agrada à burocracia contra-revolucionária e deve ser resoluta e categóricamente rejeitada. Não para destruir mas para conquistar os sindicatos, isto é, as grandes massas de trabalhadores que ainda se conservam nos velhos sindicatos, é que devia ser o ponto em volta do qual nos devíamos unir no desenvolvimento da luta revolucionária.

«13). Encontrando meio ambiente ao seu grito de «fora das uniões», a burocracia dos sindicatos de todos os países começou a expulsar os elementos dirigentes do movimento sindical revolucionário. Isto tornou ainda mais agudo o modo pessimista e fortaleceu o grito de «fora das uniões». Seria um grande erro da parte dos defensores da Internacional Vermelha, se, sendo levados a esta provocação, abandonassem o movimento sindical confinando-se às uniões revolucionárias diminutas.

«Os trabalhadores expulsos das uniões não deviam ser desintegrados. Devem permanecer organizados no mesmo plano em que estavam antes da exclusão, agindo sempre como parte definida, legal, da união que os expulsou. De nenhuma forma se deviam prestar a ser jôquetes nas mãos da burocracia sindical, facilitando-lhe a luta contra o espírito revolucionário sempre crescente das massas.

«14). A nossa política com respeito aos velhos sindicatos, devia tomar em consideração que, no momento actual, eles abrangem muitos milhões de trabalhadores. A tarefa dos elementos revolucionários nos sindicatos não consiste em expulsar das uniões o melhor dos trabalhadores conscientes da classe, com o fim de criar pequenas organizações. A sua tarefa devia ser revolucionar as uniões, transformá-las em arma da revolução social por meio da luta de todos os dias a favor de tôdas as exigências revolucionárias

apresentadas pelos trabalhadores dentro dos velhos sindicatos.

Todo o trabalho de organização se devia desenvolver de forma a combater a traição e a fraqueza da burocracia sindical na luta de todos os dias pelos interesses dos trabalhadores. Conquistar as uniões quer dizer conquistar as massas, e estas só podem ser conquistadas por um trabalho obstinado e sistemático, estabelecendo contra a política de colaboração de classes a nossa firme e revolucionária linha de acção. O grito «fora das uniões» impede-nos de conquistar as massas para a nossa causa e retarda o avanço da revolução social.

«15). Da mesma forma seria erróneo considerar que a organização sindical contem em si um objectivo, quando são apenas o meio e não o fim. Rejeitando o *motto* «fora das uniões», nós devemos declarar-nos resolutamente contra o fetiche de organização e contra o grito de guerra «Unidade a todo o custo e sob tôdas as circunstâncias». A conquista das uniões não implica a posse do livro-*caixa* ou a sua propriedade pela conquista dos seus membros. A diferença é facilmente esquecida e a união é muitas vezes confundida com a sua sede, o seu *caixa* e os seus dirigentes. Este ponto de apoio da «mecânica sindical» devia encontrar uma resoluta opposição por parte das uniões com consciência de classe revolucionária. Os sindicatos revolucionários são contra a scisão, embora pela unidade também não receiam a scisão; cada um devia ser portador desta opinião».

O carácter mais notável do que se disse acima é a incerteza com que se trata este «assunto impertinente», e que, sendo vago, seja só natural que a inconsistência abunde. É uma obra prima de mesquinhéz infantil. Diz aos trabalhadores para abandonarem os «dirigentes amarelos» de Amesterdão mas para ficarem com os «dirigentes amarelos» dos vários países, aparentemente despercebidos do facto que defendendo os dirigentes nacionais certamente se não enfraquece Amesterdão.

Deixo isso aos membros dos I. W. W. para que resolvam este enigma e cheguem à compreensão de



onde êste «minar» vai começar e onde terminará. É como perfurar um túnel sem saber onde o túnel acabará.

Tendo, creio eu, estabelecido que a Internacional Vermelha está completamente dominada pela Terceira Internacional vem a propósito chamar aqui a atenção para o parágrafo 45 das «Teses sobre Organização», sob a secção intitulada: «Condições de adesão à Internacional Vermelha». É o «galhofeiro», grosseiramente disfarçado, que tem por fim a entrega do movimento operário mundial nas mãos do Comité Executivo da Internacional Comunista *pela via* dos disciplinadores internacionais da Internacional Vermelha.

«45). Uma organização internacional só estará então devidamente estabelecida quando as suas decisões sejam antes aprovadas pelas correspondentes organizações; especialmente durante a guerra se mostrou que muitas organizações não ligaram importância às decisões adoptadas pelos congressos internacionais, a que tinham aderido as organizações nacionais. Mas a Internacional Vermelha não pode endossar o seu ponto de apoio e, portanto, estabeleceu a necessidade da disciplina proletária internacional, isto é, que as organizações nacionais independentes sejam fieis às decisões dos Congressos e Conferências Internacionais».

Quem quer se podia dar ao incómodo de criticar as «Resoluções e Decisões» pela sua falta de um plano inteligível para uma organização internacional. Contudo, é inútil salientar o absurdo estudado e metódico. De facto, analisando tudo, a ambiguidade de todo o programa é a sua principal força, porque tem uma tendência para confundir a grande maioria dos trabalhadores, que, mantendo uma atitude ideológica para com a revolução russa, confunde esta maravilhosa acção com um partido político.

Tratarei ainda de uma coisa mais, «a Constituição da Internacional Vermelha das Uniões Operárias». Para economizar espaço omitirei a introdução a esta resolução, começando pelas

## «II—Aspirações e Fins

«A Internacional Vermelha das Uniões Operárias tem por fim:

«1) Organizar as grandes massas operárias de todo o mundo para derribar o capitalismo, para a emancipação dos trabalhadores da opressão e da exploração e para o estabelecimento da comunidade socialista.

«2). Fazer uma larga agitação e propaganda dos princípios da revolucionária luta de classes, da revolução social, da ditadura do proletariado e da acção revolucionária das massas com o fim de derribar o sistema capitalista e o estado burguês.

«3). Combater contra a úlcera corruptora, que rói a vitalidade do movimento das uniões operárias de todo o mundo, comprometendo-a com a burguesia, contra as ideias de cooperação de classe e paz social e as absurdas esperanças de uma transição pacífica do capitalismo para o socialismo.

«4). Unir os elementos revolucionários do movimento operário mundial e sustentar uma batalha decisiva contra o Bureau Internacional do Trabalho ligado à Liga das Nações e contra a Federação Internacional dos Sindicatos de Amsterdão, que pelo seu programa e táticas apenas são o baluarte da burguesia mundial.

«5). Coordenar e conduzir a luta da classe trabalhadora em todos os países e organizar demonstrações internacionais tôdas as vezes que a situação o exija.

«6). Tomar a iniciativa de campanhas internacionais a propósito de acontecimentos proeminentes da luta de classes; abrir listas de subscrição para beneficio de grevistas nos grandes conflitos sociais, etc.»

Não julgo necessário comentar o que acima fica mas apenas perguntar ¿ qual o conjunto de aspirações particulares que esclarece o assunto que ali está impresso? Dizer que as «Aspirações e Fins» são

«organizar a classe trabalhadora de todo o mundo para... a emancipação dos trabalhadores da opressão e da exploração», não quer dizer coisa nenhuma, porque os socialistas amarelos amsterdonistas também recomendam este mesmo vago processo. «Organizar? De certo! Mas como? É porque lógico processo vão os trabalhadores conseguir «controlar» as indústrias? Por nossa parte não queremos deixar à imaginação qualquer coisa sobre este assunto. O que importa, é que esta cláusula é outro exemplo de absurdo metódico e estudado. Mas se o autor tivesse escrito o que lhe ia no coração, muitíssimo teria sido posto a descoberto.

## Condições de Aderência

Sob a etiqueta de «aderência» as portas do próximo Congresso Internacional Vermelho estão abertas de par em par para outra avalanche de delegados comunistas representando os seus milhões de fantásticos trabalhadores. Mas com certeza que não seria isto, o que o autor tinha verdadeiramente no espírito!

## Aderência

«Qualquer organização económica revolucionária de classe pode fazer parte da Internacional Vermelha das Uniões Operárias, se aceitar as seguintes condições:

«1). Preconisar os princípios da luta de classe revolucionária;

«2). Aplicação destes princípios na sua luta diária com o capitalismo e com o estado burguês;

«3). Reconhecimento da necessidade de derrubar o capitalismo pela revolução social e o estabelecimento da ditadura do proletariado durante o período de transição;

«4). Reconhecimento e aplicação das decisões do Congresso Constituinte da Internacional Vermelha das Uniões Operárias;

«6). O rompimento com a Internacional amarela de Amsterdão; e

«7). Acção conjunta com tôdas as organizações revolucionárias e com o partido comunista do país em todas as actividades ofensivas e defensivas contra a burguesia».

#### **Artigo IV, «Congressos Internacionais»**

Este artigo é o mais engraçado; tem dois parágrafos interessantes e é de valor particular para esses comunistas que, para determinarem o número de trabalhadores que representarão, só precisam de um lápis para escreverem os algarismos. Todo o movimento sindicalista tem talvez 3.000.000 de aderentes, que, tomando o artigo IV como base, podia contar com cerca de 18 votos. A minoria comunista alemã podia, só para si, contar com êste número, para não mencionar as potencialidades dos franceses, ingleses, americanos, italianos e duas dezenas de outros países. No parágrafo seguinte, que fixa a representação, encontra-se também o vulgar gráçejo. É moralmente certo que as uniões operárias conservadoras nos diversos países nunca aderirão à Internacional Vermelha e daqui provém a necessidade da minoria comunista. Damos a seguir os dois parágrafos citados:

«Tôdas as organizações nacionais das uniões industriais ou sindicais com menos de 10.000 aderentes, recebem um voto consultivo no congresso; as organizações nacionais contando de 10.000 a 25.000 aderentes, enviam um delegado com voto decisivo; de 25.000 a 100.000 aderentes, dois delegados com voto decisivo; de 100.000 a 250.000, quatro delegados com voto decisivo; de 250.000 a 500.000, seis delegados, e por cada 500.000 aderentes a mais, um delegado com voto decisivo, e as organizações internacionais revolucionárias de classe, industriais ou sindicais, têm direito a dois votos decisivos cada uma.

«As minorias organizadas de qualquer país têm a mesma representação, mas tôdas as organizações de um dado país, aderentes à Inter-

nacional Vermelha das Uniões Operárias, constituirão uma simples delegação, dentro da qual os votos são divididos proporcionalmente ao número dos aderentes das respectivas organizações. As fracções e minorias organizadas tem representação no congresso apenas no caso em que a união operária geral» (por isto, entende-se uniões conservadoras) «organizações desse país não sejam aderentes à Internacional Vermelha das Uniões Operárias».

## O Conselho Central

Pelo artigo V, os «Órgãos da Internacional Vermelha das Uniões Operárias» do Conselho Central, os russos são para sempre providos com quatro delegados, outros países com dois e alguns com um. Digo para sempre porque esta especial Internacional Vermelha nunca reunirá fora da Rússia. Contudo, isto não quer dizer que o Conselho Central tenha, de futuro, uma existência no papel. O verdadeiro organismo é o Comité Executivo que é eleito pelo Conselho Central e que tendo tomado estas precauções dispersa até ao próximo congresso. Este Conselho Central assegurado sempre dum maioria comunista com certeza elegirá sempre camaradas de feição para o Comité Executivo, etc., etc., e a nossa atenção atraída assim para êste centro principal não faz o esforço mental de ver que os poderes dominantes dêste organismo especial não será outro senão o Quartel General da Terceira Internacional. Citemos êste artigo:

### «V. Órgãos da Internacional Vermelha das Uniões Operárias

«A Internacional Vermelha das Uniões Operárias tem dois órgãos: o Conselho Central e o Comité Executivo.

«O Conselho Central é composto como segue: a Inglaterra, os Estados Unidos, a Alemanha, a Itália, a Espanha, a Checo-Eslóvaquia, a Polónia e a França têm dois representantes cada; a Rús-

sia quatro; todos os outros países com mais de 25.000 teem um representante com voto decisivo; países com menos de 25.000 teem um representante com voto consultivo, e as organizações internacionais por indústrias ou sindicatos teem um representante com voz consultiva.

«O Conselho Central dirige todo o trabalho da Internacional Vermelha das Uniões Operárias, de congresso para congresso; toma tôdas as decisões exigidas pelas circunstâncias; representa a Internacional Vermelha das Uniões Operárias perante todo o mundo; actua em seu nome, reúne em suas mãos todo o material e documentos relativos ao movimento operário internacional; administra todos os fundos incluindo o Fundo Internacional de Solidariedade dos Militantes; publica jornais e revistas em diferentes linguas; em suma, é o órgão investido de todos os poderes para dirigir o trabalho entre os congressos mundiais.

«O Conselho Central reúne-se pelo menos duas vezes por ano tratando principalmente de aclarar questões de princípios e deixando todo o trabalho habitual ao Comité Executivo.»

A composição actual do Comité Executivo e os métodos empregados para colocar Andreytchine são prova concludente de quais os elementos que sempre constituirão este organismo. Além disto há o facto de que a Internacional Vermelha será personificada nestes sete homens. Serão elles a Internacional Vermelha. E com o plano de dominio central de tôdas as organizações que façam parte da I. S. V., que é tam claro nas «Resoluções e Decisões» adoptadas, pode ver-se que este grupo especial se empoleará seguramente sòzinho e dirigirá a Internacional Vermelha à vontade deles. E disso pode depender que este comité tenha a mecânica do próximo congresso bem untada para futuras marchas políticas.

### O Comité Executivo

O Comité Executivo é composto de sete membros eleitos pelo Conselho Central, incluindo ois

membros do país onde estiver instalada a sede principal da Internacional Vermelha das Uniões Operárias.

«O Comité Executivo dirige todos os trabalhos correntes da Internacional Vermelha das Uniões Operárias. Regula o trabalho dos departamentos e secções; publica os órgãos oficiais da Internacional Vermelha das Uniões Operárias; representa esta Internacional e o Conselho Central onde quer que e quando seja necessário; e prepara todos os assuntos para as sessões do Conselho Central. O Comité Executivo reúne-se pelo menos uma vez por semana.»

## Provimento de Fundos

O provimento de fundos feito pela Constituição vou deixá-lo à apreciação de qualquer génio matemático que por acaso leia este relatório. A única coisa que eu posso esclarecer é que as organizações operárias que tiverem aderentes fornecerão a tesouraria. As minorias comunistas serão a claque, mas dispendo de todos os votos gastarão todo o dinheiro para arruinar as próprias organizações que o fornecerem. Um brilhante futuro que espera uma Internacional das Uniões Operárias!

## «Artigo VII. Fundos

«Os fundos da Internacional Vermelha são compostos pelas cotizações regulares pagas pelas organizações nacionais a ela aderentes e por contribuições especiais. As cotas a pagar são estabelecidas como segue: pelo menos 1 por cento das receitas totais das organizações que recebem no seu cofre central 50 por cento ou mais das cotas dos aderentes; pelo menos 2 por cento das organizações que recebam no seu cofre central 25 a 50 por cento das cotas dos aderentes; pelo menos 3 por cento das organizações que recebam 10 a 25 por cento das cotas dos aderentes e pelo menos 5 por cento das organizações que

recebam menos do que 10 por cento das cotas dos aderentes. Até à criação do fundo necessário todos os meios financeiros serão fornecidos pela organização operária geral do país onde estiver instalada a sede principal da Internacional Vermelha das Uniões Operárias.»

Terminarei com o assunto «Relações com a Internacional Comunista», dizendo que esta é uma armadilha bem grosseira, examinada apenas superficialmente. De facto, os comunistas sabiam bem que dominariam a Internacional Vermelha, mas experimentaram com auxílio dela «emudecer» as organizações sindicalistas. Mas tam transparentes fingimentos não enganaram ninguém. Esta cláusula serve à maravilha como alibi oficial dos comunistas. Com êle esperavam êles provar que a Internacional Vermelha é independente da Terceira Internacional. Mas a questão é: ¿A quem podiam êles provar isso?

## X. Relações com a Internacional Comunista

«Para estabelecer estreitas e indestrutíveis relações entre a Internacional Vermelha das Uniões Operárias e a Terceira Internacional Comunista, o Conselho Central:

«1). Envia três representantes ao Comité Executivo da Internacional Comunista, com votos decisivos e vice-versa,

«2). Organiza sessões conjuntas com o Comité Executivo da Internacional Comunista para discussão das mais importantes questões do movimento operário internacional e para a organização de acção comum;

«3). Publica, quando justificado pelos acontecimentos, apelos em comum com a Internacional Comunista».

Isto termina as discussões sobre as «Resoluções e Decisões», e não havendo mais nada de importância a considerar em relação com a Internacional Vermelha farei algumas observações sobre o «Congresso Internacional dos Marítimos».



## **Congresso Internacional dos Marítimos**

Além de ser portador de credenciais para a Internacional Vermelha eu também possuía credenciais para um Congresso Internacional dos Marítimos que estava marcado para se realizar em Petrogrado, em 1 de Agosto. Este congresso nunca se realizou, mas arranjou-se uma chamada conferência que se realizou em Moscóvia, em 12 de Agosto de 1921. Segundo as razões apresentadas por Losovsky, o designado congresso foi anulado porque em vista da situação era de má política organizar uma Internacional dos Marítimos independentes da Internacional Vermelha. De acôrdo com êste ponto de vista havia alguns delegados marítimos presentes que representavam apenas uma pequena fracção de trabalhadores dessa indústria. Estavam presentes apenas delegados representando os marítimos de quatro países: Austrália, Argentina, Alemanha e América. Por essa razão, não fiz objecção para se converter em uma conferência o premeditado congresso. Contudo, os delegados alemães e argentinos protestaram um tanto fortemente contra o novo arranjo. Nada saiu da conferência que mereça registar aqui.

## **Congresso Sindicalista Alemão**

Deixando Moscóvia e chegado a Berlim, onde era forçado a demorar-me, aceitei um convite para assistir ao congresso dos sindicalistas alemães (F. A. U. D.) como espirito de fraternização. Antes da abertura d'êste congresso e quando chegaram outros delegados (que haviam representado vários países na Internacional Vermelha) logo começaram as discussões e informações a respeito da situação internacional. As discussões nestas conferências indicavam uma opinião unânime de que o Congresso da Internacional Vermelha não tinha sido de forma alguma satisfatório para as organizações sindicalistas, mas as opiniões dividiam-se quanto à acção a tomar. Considerou-se conveniente deixar aclarar a situação geral esperando até que muitas organizações represen-

tadas em Moscóvia se podessem decidir pelos relatórios dos seus delegados. De certo que isto levaria algum tempo. Quando saí da Alemanha para a América a situação parecia-me como segue:

Que, praticamente, nenhuma das organizações sindicalistas da Europa adeririam à Internacional Vermelha e que estas organizações estavam bem afeiçoadas para, de qualquer forma, estabelecer relações com as outras organizações revolucionárias. Tudo quanto seria preciso seria iniciativa de algumas organizações e o necessário trabalho preliminar para que o estabelecimento de uma Internacional Económica pudesse facilmente ser preparado. E eu creio que se os I. W. W. tomassem a iniciativa dêsse trabalho receberiam adesões imediatamente.

Os delegados estrangeiros que assistiram ao congresso alemão, incluindo a minha pessoa, concordaram que os delegados holandeses servissem como secretários de um «bureau» temporário que funcionaria como «bureau» de informação, que trouxesse as várias organizações revolucionárias em contacto com a situação. Com isto terminava a minha participação em qualquer coisa que dissesse respeito ao movimento operário na Europa, exceptuando uma pequena referência ao congresso sindicalista alemão, que foi publicado no *Industrial Solidarity*.

## Provas da Dominação

Juntarei aqui algum material que eu creio ser prova concludente de que a Internacional Vermelha era dominada pela Terceira Internacional. É em forma de dois documentos tratando do mesmo assunto. Um dêsse documentos foi aprovado como parte duma resolução pela Terceira Internacional, o outro foi aprovado nas mesmas condições pelo primeiro congresso da Internacional Vermelha. Ambos os documentos foram escritos, sem dúvida, pelo mesmo indivíduo, mas como apareceram nos congressos acima mencionados, um foi ligeiramente alterado, mudando-se-lhe algumas palavras ou mostrando a reconstrução dum período. É óbvio que o original foi o adoptado pelo congresso da Terceira Internacional. Não importa muito saber quem foi o autor.

mas importa muitíssimo saber qual o motivo e influências que fizeram com que aparecesse junto a uma resolução aprovada pelo primeiro congresso da Internacional Vermelha, depois de ter sido aprovado no primeiro congresso da Internacional Comunista.

Os dois documentos vão publicados mais abaixo, paralelamente, de forma a que o leitor possa examinar os parágrafos selecionados. O da esquerda é o aprovado pelo congresso Comunista, e o da direita o aprovado pelo congresso da Internacional Vermelha. Vêr-se há, com certeza, que os dois documentos são o mesmo, comparando um parágrafo com o outro que lhe fica opôsto.

**Teses e resoluções aprovadas pelo terceiro congresso da Internacional Comunista, páginas 69 a 72, edição russa.**

**Resoluções e decisões aprovadas pelo primeiro congresso Internacional das Uniões Industriais e Sindicais Revolucionárias, páginas 38 a 44, edição americana.**

(Parágrafo 3, pag. 69 a 70)

O último ano de luta têm mostrado com uma particular evidência a inabilidade das organizações estritamente sindicais. O facto dos trabalhadores da mesma profissão pertencerem a uniões diversas produz um efeito de enfraquecimento na luta. E' necessário... e isto deve ser o ponto de partida duma luta tenaz...

(Parágrafo 46, pag. 38)

Os últimos anos de luta tem mostrado com uma particular evidência a inabilidade para as organizações estritamente sindicais defrontarem a situação. O facto de que os trabalhadores da mesma profissão pertençam a diferentes uniões de officio enfraquece a sua eficiência na luta. E' necessário... e isto deve sêr o ponto de partida duma luta implacável...

(Parágrafo 4, pág. 70)

Cada fábrica e cada oficina se deve tornar uma cidadela da revolução. As velhas formas de comunicação entre os militantes das uniões e as próprias uniões, tais como os recebedores, representantes, delegados e outros, devem ser substituídas pela formação de comités de fábricas.

(Parágrafo 47, pág. 39)

Cada fábrica e cada estabelecimento se deve tornar uma cidadela da revolução. As velhas formas de comunicação entre os militantes e as próprias uniões, tais como recebedores, representantes, delegados e outros, são insuficientes; é necessário o esforço para organizar as uniões baseadas nos comités de estabelecimentos.

(Parágrafo 5, pág. 70)

A primeira questão a colocar ante os trabalhadores e os comités de fábricas... é a manutenção dos trabalhadores despedidos, por falta de ocupação, à custa das empresas.

Não deve ser permitido que os trabalhadores sejam arremessados à rua sem que a empresa se exija a menor responsabilidade... O proprietário deve ser compelido a pagar os salários por inteiro aos desempregados...

(Parágrafo 48, pág. 39)

A primeira questão a colocar ante os trabalhadores nos comités de estabelecimentos... é a manutenção dos trabalhadores despedidos, por falta de ocupação, à custa dos patrões dos respectivos ramos de indústria. Os trabalhadores não devem permitir ser arremessados à rua sem que aos patrões seja exigida a menor responsabilidade... O proprietário deve ser compelido a pagar os salários por inteiro aos desempregados...

(Parágrafo 6, pág. 70)

O encerramento das empresas e a diminuição de dias de trabalho são neste momento a arma mais eficaz para se verem livres dos elementos

(Parágrafo 49, pág. 39)

O encerramento dos estabelecimentos e a diminuição dos dias de trabalho são os meios mais eficazes com o auxílio dos quais a burguezia

índesejáveis com o auxílio da qual a burguesia está compelindo os trabalhadores a aceitarem a redução dos salários, aumentando as horas do dia de trabalho e abolindo os interesses colectivos.

O «lock-out» está tomando cada vez mais definitivamente a forma de acção directa por parte dos patrões.

compele os trabalhadores a aceitar salários mais baixos, mais horas de trabalho e a abolição dos interesses colectivos. Os «lock-outs» tomam cada vez mais a forma definida da acção directa por parte dos patrões contra os trabalhadores organizados.

---

(Parágrafo 7, pág. 70)

Uma das formas de lutar contra o encerramento dos estabelecimentos com o fim de reduzir os salários e a média para viver deve ser os trabalhadores apoderarem-se das fábricas e das oficinas e continuarem eles próprios com a produção a despeito da vontade dos proprietários.

---

(Parágrafo 50, pág. 40)

Uma das formas de combater contra o encerramento dos estabelecimentos com o fim de reduzir os salários e baixar a média para viver, deve ser a posse das fábricas e das oficinas pelos trabalhadores e a continuação da produção por eles próprios a despeito da vontade dos proprietários.

---

(Parágrafo 9, pág. 71)

No caso de que tais tendências para reduzir os salários tomadas pelos capitalistas por uma crise económica no país, a tarefa dos sindicatos revolucionários deve consistir em se esforçarem por evitar a redução dos salários alternadamente em cada separado estabelecimento a fim de que não sejam derrotados por partes.

---

(Parágrafo 53, pág. 41)

Quando as táticas de redução de salários sejam empregadas pela classe capitalista durante uma crise económica, o problema dos sindicatos revolucionários consiste em anular a redução dos salários nas indústrias capitalistas, a fim de que sejam anuladas as refeições.

(Parágrafo 11, pág. 71)

A crença no valor absoluto de estipulações colectivas propagada pelos oportunistas de todos os países deve encontrar uma resoluta e ardente resistência por parte do movimento sindical revolucionário. A estipulação colectiva, etc, etc.

(Parágrafo 54, pág. 41)

A crença na santidade de interesses colectivos propagada pelos oportunistas de todos os países deve encontrar uma resoluta e decidida resistência por parte do movimento sindical revolucionário. O interesse colectivo, etc., etc.

(Parágrafo 13, pág. 71)

Estas organizações militantes não lutam apenas contra os ataques dos patrões e das organizações fura-greves, mas tomam a iniciativa de deter todos os carregamentos e produtos.

(Parágrafo 56, pág. 42)

Estas organizações militantes devem não só resistir aos ataques dos patrões e das organizações fura-greves, mas tomar a iniciativa de deter todos os carregamentos e mercadorias, etc., etc.

Referi-me a tudo quanto julguei necessário em relação com a I. Vermelha. Este relatório teria sido feito muito maior por detalhado estudo, mas não seria de grande importância para nós. Eu creio, também, que o leitor chegará ao fim deste relatório com a impressão de que tratei mais da fase da dominação comunista do que de qualquer outro assunto. Contudo, isto não é uma falta, mas como eu vejo, porque foi este todo o trabalho do congresso da Internacional Vermelha. Quaisquer que sejam as cláusulas ou palavras especiais que estejam nas «Resoluções ou Decisões» têm importância apenas considerando-as sob este ponto de vista. E tendo sido regulada a questão do domínio, é obvio (especialmente para os comunistas) que estas «Resoluções e Decisões» fariam pouca diferença na política empreendida. Mas, neste

caso, (a Internacional Vermelha) parece como se os comunistas estivessem inclinados a disfarçar a sua posição quanto à elaboração dum conjunto de resoluções que são inteiramente desprovidas de qualquer significação. Por esta razão, comentei-as muito pouco, sentindo que os agremiados veriam a inerente fraqueza de tudo quanto foi aprovado. A narrativa das condições na Rússia vou deixá-la para um separado relatório, que breve espero apresentar aos associados dos I. W. W.

Isto é quanto tenho a oferecer como relatório, deixando-o ao critério dos associados dos I. W. W., confiante em que lhes dispensarão a cuidadosa consideração que merecer.

Com os melhores desejos, de vós pela Liberdade Industrial.

Chicago, Ill., 12-12-1921.

**Geo. WILLIAMS**

# Manifesto do Comité Geral Executivo DOS I. W. W., regeitando a sua adesão a Moscóvia

O Comité Geral Executivo dos I. W. W. (*Trabalhadores Industriais do Mundo*), numa sessão que durou três semanas e depois de ter discutido o funcionamento da organização e da I. S. V. de Moscóvia, resolveu recomendar a todos os membros dos I. W. W. a não adesão a Moscóvia, publicando o seguinte manifesto:

CHICAGO, ILLINOIS, 10-12-1921

O Comité Geral Executivo dos *Trabalhadores Industriais do Mundo* recomenda que esta organização não adere de forma alguma à Internacional Sindical Vermelha.

O Comité chegou a esta conclusão depois de ter examinado a constituição e as resoluções adoptadas pelo primeiro Congresso de Moscóvia, assim como o relatório preliminar e outros documentos enviados pelo companheiro George Williams, o único delegado com plena autorização para representar os I. W. W. no dito congresso.

O Comité considera que a adesão dos I. W. W. à dita Internacional, assim chamada, não é não só inconveniente mas absolutamente impossível pelas razões seguintes:



## Primeiro: O Congresso condenou expressamente o programa e as táticas dos I. W. W.

Numa «Resolução sobre questões de tática», parágrafo 26, aparece o seguinte :

«Os Trabalhadores Industriais do Mundo, são uma organização independente da América, (\*) demasiado débil para poder substituir as antigas uniões operárias. Os I. W. W. possuem os preconceitos usuais ou predisposições anarquistas contra a política e sua acção, estando actualmente divididos entre defensores e contrários à tam importante questão da ditadura proletária. . . Por isso o criar células e grupos revolucionários no seio da *Federação Americana do Trabalho* e das *Uniões Independentes* vem a ser uma coisa de importância vital. Não há método para conseguir conquistar a massa operária dos Estados Unidos, senão levando a cabo uma luta sistemática dentro das uniões.»

Na resolução VII, «Sobre questões de Organização», o Congresso declara-se explicitamente a favor da «política de infusão» ou infiltração (*baringfrom within*) no caso das uniões reaccionárias e condena todo o esforço para a formação de novas uniões, por mais revolucionárias ou científicas que sejam. Na secção V da referida resolução, sob «Problemas de Organização nos principais países», a obra dos I. W. W. na Inglaterra é delineada nos seguintes termos (parágrafo 18):

«Na Inglaterra, apesar do poderoso movimento operário, que está sofrendo uma mudança radical, há tentativas para criar organizações novas do tipo dos I. W. W. ou *One Big Union* (Uma Grande União). Semelhantes tentativas devem ser absoluta e severamente condenadas, sendo dever de todos os trabalhadores revolucionários

---

(\*) Aparece no texto do relatório redigido em Moscóvia e não no que vimos impresso na América.

permanecer nessas uniões gigantescas e lutar para que aceitem os princípios da I. S. V. (\*). O separar as ditas uniões de dezenas de milhares de operários revolucionários com o propósito de formar organizações operárias independentes, é um crime contra a classe operária da Inglaterra e de todo o mundo, de modo que, tôdas as organizações que estão de acôrdo com a I. S. V. devem concentrar todos os seus esforços com o propósito de conquistar as uniões, uma a uma, consolidar os seus esforços e não gastar tempo com os «selectos», os de cima, que não estão em contacto com as «massas».

Conquanto não estejamos dispostos a admitir que a Administração dos I. W. W. na Inglaterra seja «um crime contra a classe operária britânica e de todo o mundo», não nos será menos impossível aderir a essa gente que o afirma.

No parágrafo 19, referente à América, há um período à maneira de lei, completamente oposto à tática e acção dos I. W. W., desde o seu início até hoje, que é como segue:

«Nos Estados Unidos da América do Norte, temos a reaccionária *American Federation of Labor*, algumas uniões independentes, os I. W. W. e outras mais, e consta aqui também o nosso princípio de permanecer nas velhas uniões. Os membros dos I. W. W. devem entrar nas respectivas uniões ou grémios e difundir ali a sua propaganda, explicando por sua vez os problemas da classe operária. Quanto mais tempo se mantenham afastados da F. A. do T., mais sofrerão e mais difficil será o processo de desenvolvimento das massas ainda sem organização. As uniões independentes que favoreçam a Internacional dos Sindicatos Vermelhos devem cooperar e coordenar as suas actividades, chegar a um acôrdo com as Federações ou Conselhos locais da F. A. do T. que aceitam as nossas táticas.

---

(\*) Este parágrafo não foi incluído pelo Comité Executivo; julgamos nós melhor incluí-lo, para lançar mais luz sobre o assunto.

Deve-se reunir e unificar a acção entre as organizações locais da F. A. do T. e dos I. W. W., que estejam com a I. dos S. V.»

**Segundo: A Internacional dos Sindicatos Vermelhos é de carácter político e dominada por politicantes. É, de facto, o Partido Comunista, ligeiramente disfarçado**

Para o provar a evidência basta observar as transacções oficiais do congresso, sem mencionar o seu carácter pessoal ou dos personagens indicados no relatório do companheiro G Williams, e citar, primeiro, a Constituição, Artigo III, «Condições para ser membro», que diz:

«A qualquer organização revolucionária de classe será admitido fazer parte da I. S. V. sempre que aceite as condições seguintes:

- 1.— Aceitar os princípios revolucionários da luta de classes;
- 2.— Aplicação dos ditos princípios na luta cotidiana contra o capitalismo e o Estado burguês;
- 3.— Reconhecimento da necessidade de suprimir o capitalismo por meio da revolução social e de estabelecer a ditadura do proletariado durante o período de transição;
- 4.— Reconhecimento de e submissão ou conformação com a disciplina proletária internacional;
- 5.— Reconhecimento e aplicação das decisões do Congresso constituinte da Internacional dos Sindicatos Vermelhos;
- 6.— Afastamento da Internacional Amarela de Amsterdão;
- 7.— Acção unificada com tódas as organizações revolucionárias e com o Partido Comunista do país em tódas as as acções defensivas e ofensivas contra a burguesia.» (\*)

---

(\*) Item da nota anterior, parágrafos 1 a 6.

E a resolução III, sôbre «Questões da relação entre a Internacional Sindical Vermelha e a Internacional Comunista», com a qual o Congresso concordou, diz:

1. — Usar de todos os meios para unir num conjunto e do modo mais enérgico tôdas as uniões operárias numa só organização de combate com um centro ou directório internacional;

2. — Estabelecer o mais estreito contacto com a Terceira Internacional como vanguarda do movimento operário revolucionário em tôda a parte do mundo, sôbre bases de uma representação unificada nos Comitês Executivos, nas reuniões, no conjunto, etc.;

3. — Fazer com que a conexão acima referida tenha um carácter orgânico e que seja expressa nas assembleas do conjunto na preparação da acção a seguir, pre-revolucionária, nacional ou internacional;

4. — É um dever imperativo para cada país procurar fazer a unificação das organizações operárias revolucionárias e de estabelecer o mais estreito contacto ou relação entre as Uniões de Sindicatos Vermelhos e os Partidos Comunistas, para poder assim pôr em prática as decisões dos dois congressos.

Voltando outra vez à Constituição, encontramos (Art. X — «Relações com a Internacional Comunista», Secção 1) que três representantes da Internacional Sindical Vermelha tomarão parte como delegados, com voz e voto decisivo, no Comité Executivo da internacional Comunista e vice-versa.

Enquanto continuar em vigor e não fôr revogada a nossa resolução combatendo qualquer aliança com os partidos políticos, nenhuma conexão com uma organização semelhante será concebível.

**Terceiro: É já manifesta intenção da «troupe» que criou e mantém a gerência da I. S. V., de «liquidar» tôda a organização operária, onde quer que seja que recuse submeter-se à disciplina autocrática**

Abundam, nas resoluções publicadas, provas de que não fazem distinção entre esta organização operária e outras, em todos os países onde a I. S. V. estende a sua influência. Ordenam com ares de infalibilidade papal. Mas os presumidos ditadores do proletariado revolucionário mundial vão mais além das simples resoluções. Enviaem os seus propagandistas, bem fornecidos de dinheiro, com o fim de tentar destruir ou romper as organizações operárias que recusem submeter-se incondicionalmente aos seus decretos soberanos. Do facto, temos já amplas e convincentes provas.

**Quarto: O propósito da I. S. V. é «liquidar» ou destruir os I. W. W.**

Demonstrámos já que aquele Congresso adoptou resoluções condenando a posição dos I. W. W., e, efectivamente, aconselhando-nos a abandonar a nossa existência independente e a utilizar os nossos membros na empresa quimérica de «capturar as uniões de officios».

Expomos agora partes de um documento do dito Congresso, intitulado «Relatório sumário da política das Uniões de officio ou grémios nos Estados Unidos» (preparado por Joseph Dixon) que demonstra o plano de acção a seguir pelos aderentes à I. S. V.:

«Entretanto os revolucionários activos estão na O. B. U. (Uma grande união), nos I. W. W., e noutras organizações da mesma espécie. Ainda que o seu número não seja muito grande, elles dominam a mente dos revolucionários que se encontram nas Uniões de officios ou grémios, dando-lhes uma impressão que resulta numa attitude falha de esperanças acerca das mesmas

uniões de officios, que os deixa apáticos e inactivos. E' preciso procurar os meios de «liquidar» estas uniões «ideais», espalhando as suas energias revolucionárias sobre as massas; pois mais vale a idea do que a estrutura ou os poucos membros em questão. Temos que reconhecer que isto só se pode fazer gradualmente. O primeiro passo será provavelmente o de eliminar a prohibição de qualquer revolucionário ser empregado das uniões de officio; concedendo a jurisdicção ás indústrias bem organizadas, como por exemplo a dos mineiros, e outras bem fortalecidas; e quando este processo se tenha iniciado, a consolidação das que ficam das uniões «ideais» e a sua concentração nos meios desorganizados, especialmente os simples operários sem aptidões e sem officio, possivelmente precisará formar um sistema de comités de minoria no seio dos maiores movimentos, funcionando, não para os desfazer, mas antes para os fortalecer e torná-los mais aggressivos, dando-lhes direcção ou tendência revolucionária.»

E, depois de aludir à «bancarrota das uniões ideais» e repetindo o que já se disse a respeito do actuar dentro das antigas uniões de officios, o documento conclue com as seguintes recommendações para minar gradualmente o moral, quere dizer, o espirito dos membros dos I. W. W., preparando-os para a sua «liquidação» final:

«Primeiro devemos reconhecer que os dos I. W. W. e da O. B. U. não podem ser forçados ou adulados para os fazer abandonar immediatamente a sua presente attitude, e tratar de os vencer será igualmente difficil. Estes demonstram uma devoção religiosamente fanática para com as suas respectivas organizações, Provavelmente seria também impossivel conseguir que se unissem, ainda que sobre este ponto fôsem favoráveis os representantes das organizações. O primeiro passo pratico que nos poderia dar esperanças de conseguir o seu apoio, será provavelmente um pacto com elles, reconhecido já pelas minorias comunistas, e que o invadir o

campo da organização dos mineiros, a dos ferroviários e a dos da indústria têxtil, por duas diferentes organizações, seja abandonado como tática má, quando se trata de esforços na mesma direcção de duas organizações diferentes e no mesmo campo. E em vez de proibir os seus membros de participar da administração e das actividades das uniões de officios, poder-se-ia fazê-los trabalhar dentro das uniões de officios com boa fé, não para dividir nem para destruir, mas para melhor desenvolver as suas melhores tendências.»

O Comité Geral Executivo não crê que os I. W. W. permitirão deixar-se fazer instrumento da sua própria destruição neste metódico *complot*.

### **Quinto: O congresso de Moscóvia não foi a representação genuína do movimento operário revolucionário internacional**

Foi um congresso escolhido, atestado, adredemente. Admitiram delegados, com voto e voz, que representavam organizações supostas. Prepararam o congresso de tal modo que foi assegurado o seu control absoluto pelo Partido Comunista. Para comprovar isto, especialmente no que se refere à delegação americana, basta ler o relatório preliminar do companheiro G. Williams.

**Sexto: Ainda que fôsse admissível associar as nossas actividades com os grupos políticos, os I. W. W. achariam impossível cooperar com o Partido Comunista da América (\*)**

Estes «comunistas», muitos dos quais eram membros do Partido Socialista Reformista até ao momento em que foram expulsos, depois da sua tentativa, sem êxito, para assumir o control do dito partido, tem feito dos I. W. W. o alvo dos seus ataques—porvavelmente porque os I. W. W. recusaram tomar qualquer interêsse pelas suas batalhas de palavras, frases e sandices «subterrâneas». Enfiltraram-se na nossa organização com o único propósito de «dominar ou arruinar». A imprensa dêstes «comunistas americanos» tem dirigido incessantemente os seus ataques contra os I. W. W., contra as suas tácticas e a sua acção. E não tem vacilado em fazer uso dos próprios famintos da Rússia, vítimas da fome, com o propósito de fazer propaganda do partido. Os seus oradores, semdúvida em excursão por todo o país para colher fundos em prol das vítimas da fome (um projecto que os I. W. W. apoiaram ferventemente) tem abusado da sua missão humanitária para aproveitar a oportunidade de dessiminar a propaganda a favor do seu Partido Comunista e depreciar os I. W. W. Eles são bem supridos com fundos—dinheiro que não vem das algebeiras da classe operária—com o qual procedem no seu malvado projecto acima indicado com o fim de sabotar e demolir o Unionismo Industrial Revolucionário tal qual o explica e representa a nossa organização. Estão promovendo um congresso de «unificação» das uniões independentes, que não tem outro fim senão o de suplantar ou de substituir os I. W. W. Infatuados, cegos com o seu próprio egoísmo, e com o seu *catálogo* de salvadores da classe

(\*) Supomos querer dizer «Estados Unidos» ou «América do Norte»; fiel reflexo da psicologia imperialista do *pais do dólar* que se julgam, até muitos supostos radicais, os *unicos* «americanos».



operária, estão dispostos a usar de todos os meios, até os mais baixos e desonestos para arruinar tudo quanto possam chegar a dominar.

O Comité Geral Executivo afirma uma vez mais o internacionalismo dos I. W. W. A nossa organização tem uma concepção mundial. O nosso objectivo é ser, tanto de facto como de nome, *Trabalhadores Industriais do Mundo*. Estendemos a nossa mão de solidariedade aos revolucionários conscientes de classe de todos os países. Convidamo-los a examinar e a estudar o nosso programa, *Preambulo e plano de organização*, para verem se estes não servem para estabelecer a base científica para o Unionismo Revolucionário nos seus respectivos países. Estamos prontos a aceitar propostas de filiação internacional que não estejam em contradição com os nossos princípios e tendências, e que não exijam de nós o sacrifício da nossa autonomia.

Como conclusão dêste relatório, o Comité Geral Executivo chama a atenção de todos os membros dos I. W. W., para os quais a integridade e o nome da Organização querem dizer mais alguma coisa, para que se reanimem e venham em seu auxilio. Os I. W. W. são hoje alvo dos ataques não só dos capitalistas mas também dos «revolucionários de profissão», alguns dos quais possuem a caderneta dos I. W. W. São os que possuem dinheiro bastante para prosseguir na sua obra de destruição. Os I. W. W. não têm forças nem fundos com que os combater, a não ser que lhes sejam fornecidos pelos seus membros leais. Os I. W. W. nunca, até à data, faltaram ao seu dever revolucionário; com a ajuda dos bons também de futuro não faltarão. E os I. W. W. viverão e seguirão no seu caminho, até à méta da emancipação operária, quando os nomes dos seus detractores sejam esquecidos.

Vossos pelo Comunismo Industrial.

O Comité Geral Executivo dos I. W. W.

**Robert E. Daly**, presidente, **Calvin Green**,  
**Alex Kohler**, **Martin Carlson**, **Albert Bare**,  
**Walter Smith**, **John Jackson**, **John Grady**,  
secretário-tesoureiro geral.

## Preâmbulo I. W. W.

---

A classe trabalhadora e a classe patronal não tem nada de comum entre si. Não poderá haver paz enquanto a fome e a necessidade sejam sentidas por milhões de trabalhadores, ao mesmo tempo que uns tantos indivíduos que compõem a classe patronal disfrutem de tôdas as delicias da vida.

Entre essas duas classes existirá a luta até que os trabalhadores do mundo se organizem como classe, tomem posse da terra e do maquinismo de produção, abolindo o sistema de salário.

A centralização da direcção das indústrias nas mãos dum grupo cada vez mais reduzido de indivíduos, impossibilita as Uniões de officios de lutar vitoriosamente contra o poder cada vez mais progressivo da classe capitalista, porque as Uniões de officios criaram uma situação que impulsiona um grupo de trabalhadores contra outro grupo de trabalhadores da mesma indústria, ajudando assim o inimigo comum, e resultando os últimos ficarem derrotados nas lutas pelo salário. Além disso as Uniões de officios auxiliam o patronato, induzindo os trabalhadores a acreditar que os seus interesses são iguais aos dos seus patrões.

Estas péssimas condições podem ser modificadas, se o interêsse da classe trabalhadora se unir numa Organização formada por tal modo que todos os seus membros de qualquer indústria, ou tôdas as indústrias, se fôr necessário, cessem de trabalhar, solidarizando-se com os seus companheiros de qualquer lugar, demonstrando assim que, **Uma injúria feita a um, é uma injúria feita a todos.**

Em lugar do lema conservador: **um bom salário por um bom dia de trabalho**, nós devemos escrever no nosso estandarte a nossa divisa revolucionária: *Abolição do sistema de salário.*

E' a missão histórica da classe trabalhadora, fazer desaparecer o capitalismo. O exército de produtores deve ser organizado não unicamente para a luta diária com o capitalismo, mas principalmente para regularizar a produção quando êste fôr derrubado. Organizando-nos industrialmente, formamos a estrutura da nova sociedade dentro do invólucro da velha sociedade.



# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Porta-voz da Organização Operária  
Portuguesa

C. do Combro, 38-A, 2.º  
LISBOA-PORTUGAL

End.: Telegráfico:

TALHABA-LISBOA

## Preço de assinatura

### PORTUGAL

Lisboa, provincia e ilhas.	6 meses,	14\$00	ano	28\$00
Colónias Portuguezas...	4 »	18\$00	»	35\$00

### ESTRANGEIRO

America do Norte.....	6 meses	\$2,5	ano	\$5
America do Sul (m.ª braz.ª)	6 »	26\$000	»	51\$000
Espanha.....	6 »	10 pes.ªª	»	18 p.ªª
França e outros países...	6 »	35 fr.ªª	»	65 fr.ªª

## Secção de livraria de A BATALHA

A administração de A BATALHA encarrega-se de fornecer todas as obras de educação profissional, sciências, filosofia, higiene e esperanto. Volumes e folhetos de propaganda sociológica. Romances dos melhores autores portugueses e estrangeiros, livros de estudo, postais ilustrados, etc.

Satisfazem todas as encomendas desde que sejam acompanhadas das respectivas importâncias acrescidas do importe do correio em carta registada.

Chamamos a atenção dos portugueses amantes do estudo e que residam no estrangeiro para os anuncios desta secção publicados em A BATALHA, esperando que se utilizem d'este serviço para as suas encomendas.

Todos os pedidos devem ser dirigidos ao

## Serviço de livraria de A BATALHA

Calçada do Combro, 38-A, 2.º

LISBOA